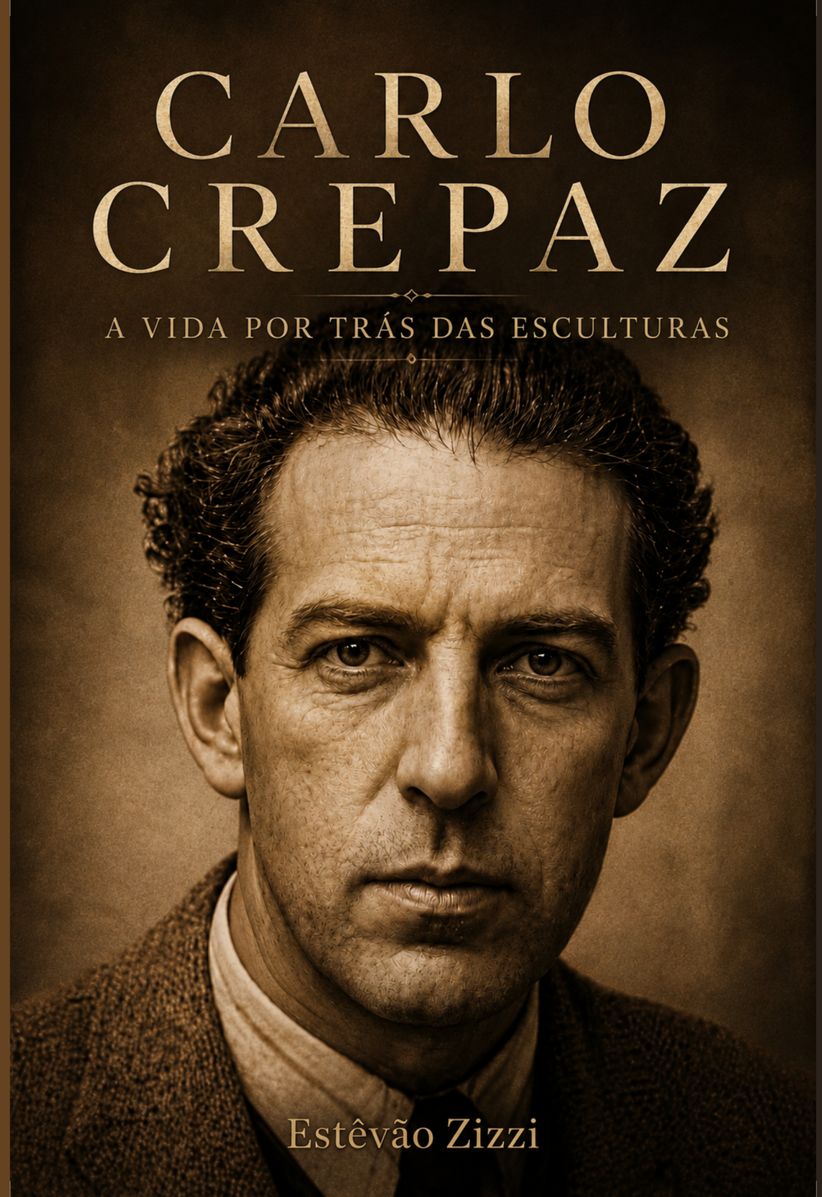
CREPAZ



CARLO CREPAZ

A VIDA POR TRÁS DAS ESCULTURAS



Estêvão Zizzi

CARLO

Carlo Crepaz

A VIDA POR TRÁS DAS ESCULTURAS

Estêvão Zizzi

Junho/2026

© 2026. Estêvão Zizzi
Todos os direitos reservados
Nenhuma parte desta obra pode ser utilizada, produzida, transmitida ou arquivada, sob quaisquer meios existentes, sem a concessão dos devidos créditos ao autor.
Capa: Heitor Baffa
Edição e Diagramação: Studio Z

Sumário

Prefácio 4

As Raízes dos Crepaz 7

Raízes e Infância 15

Da terra natal ao Brasil 28

A Modelo que se Tornou Arte 51

A Basílica- Santuário de Santo Antônio 57

Finalmente a promessa comprida 64

Um breve retorno à sua terra natal 72

Addio, Brasile 73

Carlo Crepaz: Arte e Escultura em Vitória 80

Carlo Crepaz por quem o conheceu 94

Prefácio

Existem vidas que não terminam quando o tempo passa, porque permanecem vivas através das marcas que deixam no mundo. Algumas pessoas escrevem sua história com palavras; outras, com suas mãos, sua sensibilidade e sua arte. Carlo Crepaz pertence a essa segunda categoria: um homem que transformou matéria em emoção e deixou na arte o testemunho de uma existência dedicada à beleza.

"Carlo Crepaz – A Vida por Trás das Esculturas" é uma caminhada pelas lembranças de um artista que carregou consigo as raízes de sua origem, os ensinamentos da infância e a coragem daqueles que atravessam fronteiras em busca de novos horizontes. Sua trajetória revela não apenas a história de um escultor, mas também a história de um homem que levou consigo a memória de sua terra natal e encontrou no Brasil um novo espaço para expressar sua alma.

Por trás de cada escultura existe uma história invisível. Antes da madeira revelar seus segredos, existiu

um olhar sensível; antes do primeiro corte, existiu uma ideia, um sentimento e uma inspiração. Nas mãos do escultor, a matéria-prima deixou de ser apenas elemento bruto e ganhou alma, movimento e significado, revelando histórias que permaneceriam vivas através da arte. Cada detalhe esculpido revelava paciência, dedicação e a busca pela perfeição de quem enxergava na arte uma forma de eternizar emoções.

Crepaz não trabalhava apenas com ferramentas e materiais: trabalhava com memórias, fé e sentimentos. Suas esculturas nasceram do encontro entre técnica e sensibilidade, entre tradição e criatividade, entre o passado que trouxe consigo e os sonhos que construiu em sua nova caminhada.

Este livro percorre suas raízes familiares, sua infância, sua chegada ao Brasil, suas conquistas e os caminhos que construíram seu legado. Mas, acima de tudo, busca revelar o homem que existia por trás das esculturas: seus valores, suas escolhas, seus sonhos e sua profunda paixão pela arte.

Ao abrir estas páginas, o leitor encontrará mais do que uma biografia. Encontrará uma vida feita de desafios, esperança e realizações; uma história de amor pela arte, pela família e pela própria existência. Uma trajetória que demonstra que os verdadeiros artistas permanecem presentes através de suas obras, pois aquilo que nasce do coração continua falando ao longo das gerações.

Que este trabalho possa ser uma homenagem à memória de Carlo Crepaz e uma porta aberta para conhecer a história de um homem que transformou madeira, sonhos e sentimentos em eternidade.

Estêvão Zizzi
Autor

As Raízes dos Crepaz

Jocl Crepaz da Maidl (1874–1940) [1]

A região de Val Gardena (Gherdëina)[2] carrega uma tradição secular que remonta a mais de 300 anos dedicados à arte da marcenaria e da escultura em madeira. Embora o vale tenha sido o berço de uma vasta linhagem de entalhadores talentosos, a ação do tempo acabou por relegar ao esquecimento nomes que outrora alcançaram grande prestígio local. Um desses grandes mestres, cuja produção técnica e sensibilidade artística merece resgate histórico, foi Jocl Crepaz, popularmente conhecido no meio artístico como Jocl da Maidl.

Jocl Crepaz nasceu em 23 de julho de 1874 na comuna de Chërz de Fedom, um pequeno vilarejo de camponeses situado logo abaixo do Passo de Campolongo (Jëuf de Ciaulón). Seu pai enfrentava uma rotina de trabalho árduo na agricultura e na pecuária de subsistência, cuidando de apenas três cabeças de gado e alguns poucos campos para sustentar uma numerosa família de oito filhos.

Ainda na infância, Jocl recebeu a tarefa de pastorear cabras na pequena montanha de Anzisa. Nos momentos de calmaria, enquanto o rebanho descansava e ruminava, o garoto manifestava sua vocação nativa: munido apenas de um canivete, passava as horas entalhando pequenas figuras em pedaços de madeira reaproveitados.

Além do talento artístico precoce, Jocl era conhecido pelo temperamento vivaz e travesso. Uma das passagens folclóricas de sua infância narra que ele e seus companheiros subiram ao telhado de uma residência habitada por uma senhora idosa, solitária e de vista curta. Jocl amarrou um pequeno boneco de madeira a um fio e o desceu pela chaminé até a panela de mingau que fervia no fogão a lenha. Ao notar a súbita aparição, a senhora assustou-se profundamente, enquanto o boneco era rapidamente içado de volta, sumindo chaminé acima.

Apesar das peraltices, seu padrinho, Jórch del Pic, percebeu o potencial incomum do menino e convenceu o pai de Jocl a enviá-lo para Val Gardena, a fim de que recebesse instrução formal no ofício. Assim que concluiu

os estudos primários, Jocl ingressou como aprendiz na renomada oficina (berstot) do mestre Ferdinand Demetz da Academia, um dos nomes mais influentes da região. Devido à sua destreza técnica, ele foi poupado das tarefas braçais pesadas, concentrando-se exclusivamente no aprendizado artístico e convivendo com entalhadores experientes.

Após consolidar sua formação, Jocl transferiu-se para o *ateliê* da tradicional família Stufan, sob a direção de Sepl Rifesser. Estabelecido profissionalmente, em 21 de outubro de 1907, casou-se aos 33 anos com a filha de Cristl Sotriffer, natural de Plajes. Fixaram residência na propriedade sa Maidl, onde nasceram seus dois filhos: Leo e Carlo Crepaz.

Jocl Crepaz trabalhou na oficina da família Stufan até o ano de 1914. O proprietário, Sepl Rifesser, frequentemente declarava que Jocl figurava entre os melhores profissionais que já haviam passado pelo *ateliê*, ombreando com grandes nomes da época, como Franz Mersa, Sepl da Minert e Faber.

Sua produção concentrava-se na arte sacra — sobretudo estátuas de santos e grupos escultóricos de refinada composição —, além de eventuais peças de temática profana. Jocl adotava uma abordagem baseada na observação minuciosa da natureza, rejeitando a cópia mecânica de moldes prontos. Para atingir o caimento ideal das dobras das vestes em suas esculturas, ele costumava arranjar panos reais sobre manequins articulados. Era um idealista obstinado: desenhava com exatidão, trabalhava por pura devoção à arte e estendia suas jornadas de trabalho sem se preocupar com o relógio, até que a peça alcançasse a perfeição no acabamento e no polimento.

Em 1914, o início da Primeira Guerra Mundial interrompeu suas atividades. Convocado para o fronte, lutou nas fileiras militares contra as forças italianas em regiões de relevo acidentado, como Col de Lana, Giudicaria e Folgaria (no Monte Maio, Trentino). Mesmo nas condições adversas do conflito, sua habilidade artística se fez notar. Durante o rigoroso inverno na Giudicaria, onde os soldados escavaram um grande túnel estratégico, Jocl recebeu a missão de esculpir na neve um

busto do imperador austríaco Karl para a cerimônia de inauguração. Contudo, os soldados da linha de frente — exaustos pelos combates, castigados pelo frio e cientes da fome que suas famílias passavam na retaguarda — revoltaram-se contra a apologia ao monarca e, durante a noite, destruíram a escultura de neve em sinal de protesto.

Com o fim da guerra, Jocl retornou a Ortisei e reassumiu seu posto na firma de Stufan. Como a maior parte de sua produção pós-guerra era absorvida por comerciantes e exportada para o mercado internacional — incluindo um aclamado grupo em madeira de pinho-manso retratando São Vicente de Paulo, enviado para os Estados Unidos —, poucas de suas obras permaneceram no vale.

Dentre o acervo remanescente em Val Gardena, destacam-se três marcos de sua estatuária:

A Santa Isabel das Rosas: Localizada no altar da Capela do Rosário, na Igreja Paroquial de Ortisei. Nota-se historicamente que o semblante da santa foi esculpido

tendo como modelo as feições da própria esposa do artista.

Os Anjos Ajoelhados: Duas figuras angélicas dispostas nas laterais do tabernáculo no mesmo altar do Rosário. Ao contemplá-las, o renomado escultor Franz Tavella, oriundo do Val Badia, declarou de forma categórica: "Estes dois anjos valem mais do que todo o resto do altar".

A Madona de Lourdes: Conjunto escultórico que representa a Virgem Maria e a jovem Bernadette, exposto na gruta da Igreja de Santo Antônio, em Ortisei.

Jocl também manteve ao longo da vida o hábito de criar esculturas efêmeras na neve. Em 1908, por ocasião da elevação de Ortisei à categoria de município de mercado (Marktgemeinde), ele uniu-se aos artistas Sepl Sorà, Giuani Rifesser e Batista Moroder para erguer na neve uma monumental representação de São Ulrico (padroeiro local), ornada com alegorias ao artesanato regional — obra recordada por décadas como a mais bela intervenção artística em neve já realizada no vale. Anos mais tarde, por volta de 1925, celebrou a abertura do

primeiro campo de hóquei no gelo local esculpindo uma figura de Dom Bosco na neve.

No âmbito institucional, Jocl Crepaz foi um dos fundadores da Lia Mostra d'Ert (Associação da Exposição de Arte) em 1922, ao lado de Giacobe Mussner-Scizer e Zenz Moroder. A iniciativa, que teve sua primeira mostra montada em uma sala no andar térreo da escola primária de Ortisei, expandiu-se e consolidou-se como o atual Círculo Artístico Cultural de Ortisei.

Apesar de seu reconhecido virtuosismo, Jocl da Maidl enfrentou a incompreensão de parte de seus contemporâneos, que muitas vezes o julgavam como um "pobre caprichoso", embora despertasse uma velada admiração por sua destreza. Verdadeiro idealista, desdenhava o acúmulo de bens e riquezas materiais, contentando-se com uma vida humilde e mantendo profundo respeito pelos companheiros de profissão que enfrentavam privações em nome da dignidade artística. Suas maiores compensações residiam no contato com a natureza; durante os verões, costumava subir ao Monte

Mastlé para caminhar, beber a água das fontes e contemplar a flora alpina.

Jocl Crepaz faleceu em 14 de janeiro de 1940, aos 66 anos de idade, após contrair uma severa enfermidade. Deixou como legado uma trajetória de retidão e maestria técnica que permanece registrada na história da arte alpina.



Busto de Jakob Crepaz em sua lápide no cemitério de St. Ulrich. Escultura de seu filho, Carlo Crepaz. Jakob Crepaz-Maidl (também chamado Jocl Crepaz da Maidl; * 23 de julho de 1874 em Cherz Buchenstein; † 14 de janeiro de 1940 em St. Ulrich in Gröden, Tirol do Sul).

Raízes e Infância

Em 21 de março de 1908, nascia em Ortisei (Val Gardena, na região dos Dolomitas, Itália, o primeiro filho do casal Jakob Crepaz-Maidl e Adelinde Sotriffer: Leo Crepaz.

A infância de Leo de foi profundamente moldada pela atmosfera artística e pelas tradições culturais de sua terra natal, Ortisei.

Cresceu no coração da Val Gardena, uma região que já era o epicentro mundial da escultura em madeira e da arte sacra. Desde muito jovem, ele conviveu com o som das ferramentas esculpindo a madeira e com o ambiente das oficinas locais. Essa imersão precoce foi fundamental para despertar sua sensibilidade artística e moldar sua percepção volumétrica, que mais tarde se refletiria tanto em suas esculturas quanto na força de suas pinturas.

Sua infância foi vivida sob uma forte identidade comunitária. A população local falava (e ainda fala) o ladino, uma língua românica alpina minoritária. Crescer

nesse ambiente montanhoso, isolado e com uma cultura tão singular e resiliente fez com que Leo desenvolvesse, desde menino, um amor profundo por suas raízes. Esse apego à sua terra e ao seu povo foi tão marcante que, na idade adulta, ele se tornou um dos grandes defensores e ativistas da preservação da cultura ladina.

A infância de Leo também foi atravessada por um período de grandes mudanças políticas e geopolíticas. Até o final da Primeira Guerra Mundial (1918), quando ele tinha cerca de 10 anos, a região do Trentino-Alto Ádige (onde fica Ortisei) pertencia ao Império Austro-Húngaro. Portanto, ele viveu seus primeiros anos em uma fronteira cultural e linguística complexa, testemunhando a transição da região para o território italiano no pós-guerra.

Essa combinação entre o rigor técnico das oficinas de Ortisei, a riqueza da tradição ladina e as paisagens imponentes dos Dolomitas formaram a base estética e humana que Leo Crepaz carregou por toda a sua prolífica carreira artística na Itália e, posteriormente, na Suíça.

Tinha como companheiro inseparável de sua juventude um pequeno cão pastor, com quem costumava

passear pelo Mont de Sëuc, contemplando os campos alpinos e as Dolomitas que mais tarde influenciariam sua visão estética e espiritual da arte.

Já moço, sob a orientação de Balsamo Stella, ligado à Escola de Arte de Ortisei, Leo conquistou uma vaga na Escola de Arte de Florença. Seu pai, entretanto, mostrava-se contrário à partida do filho para a grande cidade italiana, talvez receoso de vê-lo afastar-se das tradições artísticas familiares de Val Gardena. Ainda assim, o talento de Leo abriu-lhe caminhos maiores.

Em 1929, recebeu uma medalha de ouro na Bienal de Bulsan e conquistou uma bolsa de estudos para o Instituto de Arte de Monza, onde trabalhou ao lado de Arturo Martini, um dos mais importantes escultores italianos do século XX. Posteriormente, lecionou por um breve período na Escola de Arte de Solva, contribuindo para a formação de novos artistas da região.

No final da década de 1930, Leo Crepaz passou a viver em Zurique, levando consigo a herança artística de Val Gardena e a memória das montanhas onde nascera sua vocação.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Leo Crepaz foi preso no *Konzentrationslager* de Hammerstein, na Polônia, sendo posteriormente transferido para o campo de Stargard. Os anos de guerra marcaram profundamente sua vida e sua visão humana e artística. Após o conflito, participou ativamente do renascimento cultural ladino em Val Gardena. Em 19 de julho de 1945, esteve presente na primeira reunião destinada à criação da União dos Ladinos de Gherdëina e, no ano seguinte, tornou-se secretário do primeiro conselho da instituição, colaborando diretamente para a preservação da língua, da cultura e das tradições ladinas.

Como sua produção foi muito vasta e ele transitou por diferentes suportes (afrescos, telas e esculturas) ao longo de sua vida na Itália e na Suíça, suas obras costumam ser divididas por categorias.

Os trabalhos mais representativos de sua trajetória artística incluem:[3]

1. Afrescos e Intervenções Murais (Arte Sacra e Pública)

Uma das maiores marcas de Crepaz foi a pintura mural de grandes dimensões, muito integrada às fachadas e interiores da arquitetura alpina:

Afrescos em Igrejas e Capelas nos Dolomitas: Painéis pintados diretamente nas paredes de templos católicos na região do Trentino-Alto Ádige, retratando passagens bíblicas, santos padroeiros e a forte religiosidade dos povos montanheses.

Pinturas Murais em Lugano e Cantão de Ticino (Suíça): Após sua mudança para o território suíço, decorou fachadas de edifícios públicos e privados, adaptando o estilo tradicional dos afrescos a uma estética mais moderna do meio do século XX.

2. Pinturas de Cavalete (Óleo e Desenho)

Suas telas, muitas das quais figuram em coleções particulares da Europa e em exposições retrospectivas organizadas pelo Museum Gherdëina (em Ortisei), focam em três grandes temas:

Retratos e a Figura Humana: Pinturas focadas no povo ladino, com rostos expressivos que denotam o rigor da vida nos Alpes e a dignidade de suas tradições.

Paisagens dos Dolomitas: Telas que capturam as imponentes formações rochosas de Val Gardena, mudando as nuances de cor conforme as estações do ano.

Naturezas-Mortas: Composições mais intimistas, onde ele exercitava o jogo de luzes, sombras e volumes que aprendeu na juventude.

3. Esculturas em Madeira e Modelagem

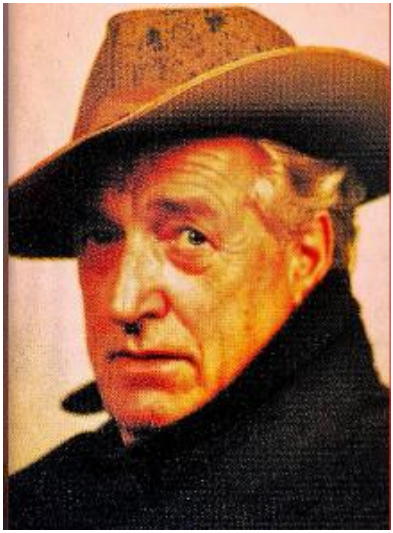
Embora na maturidade a pintura tenha ganhado um peso muito grande em sua carreira, Crepaz deixou trabalhos tridimensionais importantes:

Estátuas Sacras em Madeira: Esculturas de santos, madonas e crucifixos entalhados seguindo a milenar tradição de Ortisei, mas com um toque autoral que equilibrava o classicismo religioso com a expressividade moderna. Estudos Anatômicos e Bustos: Modelagens em gesso e terracota que serviam tanto como obras finais (bustos de personalidades locais) quanto como base para suas pinturas murais.

Nos últimos anos de sua vida, viveu em Morchino, próximo a Lugano – Suíça, onde faleceu em 12 de outubro

de 1999. Sua morte encerrou a trajetória de um artista profundamente ligado às raízes alpinas de sua terra natal e à defesa da identidade cultural de seu povo.

A família de Maria Antonietti, esposa de Leo Crepaz, possuía uma grande propriedade com casas e vinhedos em Morchino. Após a morte do artista, a propriedade passou para a "Fondazione Leo e Maria Crepaz Antonietti", criada em 1997 com a finalidade de realizar obras beneficentes e preservar o legado cultural e humano do casal.



Leo Crepaz

Em 27 de setembro de 1911, nascia o segundo filho, Crepaz Carl Theidor [4], conhecido como Carlo Crepaz.

Quando pequeno vivia cercado pelas montanhas alpinas, onde o frio rigoroso convivia com a simplicidade da vida rural.

Filho de uma família tradicional do interior italiano, Carlo crescera em meio às paisagens elevadas dos Alpes, cercado por flores, animais e pelos costumes de uma gente acostumada ao trabalho duro e ao silêncio das montanhas. Seus pais lhe ensinaram cedo o valor da disciplina, da resistência e do apego à terra.

Passava temporada no chalé da família, localizado a mais de dois mil metros de altitude. As lembranças daquela época permaneceriam eternas em sua memória. Carlo recordava as descidas de esqui pelas encostas nevadas, o alpinismo nas montanhas íngremes, o pastoreio das ovelhas e os campos cobertos pelo feno recém-cortado para enfrentar os longos invernos europeus. A natureza não era apenas cenário, mas parte de suas próprias formações humana e artística.

Falar da infância e da adolescência fazia-o gesticular com entusiasmo. Ele gostava de frisar que sempre amara bichos e flores. Havia em suas lembranças um mundo de pureza e simplicidade que contrastaria brutalmente com os anos de guerra que viriam depois.

Carlo diziam: "Não tem muito o que contar sobre amores. O tempo foi curto da infância à adolescência, aos estudos e responsabilidades."

Além da inspiração que encontrou em sua cidade natal, Carlo era um profundo pesquisador das obras de Michelangelo, Peter Paul Rubens, Leonardo da Vinci e outros grandes mestres da arte. Estudava atentamente suas técnicas, expressões e composições, buscando aperfeiçoar seu próprio estilo artístico através da observação e da sensibilidade herdadas da tradição escultórica europeia. Um fato curioso de sua carreira ocorreu quando ainda tinha apenas 17 anos. Carlo Crepaz colocou em exposição uma de suas esculturas na Faculdade de Belas Artes de Ortisei. O escritor e poeta Marcelo Caniaci, de Florença, desejou conhecer o autor da obra, convencido de que se tratava de um escultor já

idoso e experiente. Ficou estarrecido ao deparar-se com um artista tão jovem. Impressionado com o talento do rapaz, publicou uma excelente matéria na revista *Vita Nostra*, exaltando a qualidade e a sensibilidade de seu trabalho, fato que deu grande impulso ao início de sua carreira artística.

O "bambino" logo passara à "Ragazzo" e à convocação para o serviço militar a ser prestado nos campos de guerra. Ele partira com os outros homens da cidade.

Carlo contava que a despedida ficou marcada em sua alma: "Na estação choravam velhos, mulheres e crianças." Carlo carregaria aquela imagem pelo resto da vida. A guerra arrancou deles não apenas a juventude, mas também parte da delicadeza de artista que existia em suas mãos.

Na guerra ele se sente mal, muito pior que as outras pessoas. Por duas vezes tentou esculpir o busto de um tenente, mas não foi possível. Faltava material às mãos, habituadas ao fuzil, tinham perdido temporariamente o jeito.

Durante cinco anos viveu entre trincheiras, medo e destruição. O jovem das montanhas, acostumado à beleza silenciosa da neve e dos campos alpinos, passou a conviver com o peso da morte e da brutalidade humana. Talvez por isso sua arte posterior carregasse tanta expressão e humanidade.

> "Sem dúvida o fim da guerra e o meu retorno ao lar e à Arte, depois de cinco anos de trincheira, foi o meu instante mais feliz."

Ao regressar para casa, Carlo não reencontrou apenas a família ou sua terra natal. Reencontrou a si mesmo. A Arte voltou a ocupar suas mãos, e o menino das montanhas italianas finalmente pôde transformar em escultura tudo aquilo que a guerra não conseguiu destruir dentro dele.

Para ele esculpir pessoas simples era seu tema preferido.

Para ele, esculpir pessoas simples era mais do que um tema artístico: era uma forma de eternizar a dignidade

humana escondida nos gestos cotidianos. Enquanto muitos artistas buscavam retratar reis, heróis ou figuras grandiosas, seu olhar voltava-se para o povo anônimo — o trabalhador cansado ao fim da tarde, a mulher silenciosa em oração, o velho marcado pelo tempo, a criança de pés descalços correndo entre ruas de terra. Havia, nessas figuras humildes, uma verdade que o fascinava profundamente.

Cada rosto carregava uma história invisível, e ele parecia enxergá-la antes mesmo de tocar a madeira ou o barro. As rugas tornavam-se caminhos da memória; as mãos ásperas, sinais de luta e sobrevivência. Em suas esculturas, a simplicidade não aparecia como pobreza, mas como humanidade. Era como se desejasse mostrar que a beleza mais autêntica não estava nos palácios nem nos salões luxuosos, mas na vida comum daqueles que atravessavam o mundo em silêncio.

Talvez por isso suas obras transmitissem tanta emoção. Não eram figuras frias ou distantes. Eram pessoas reais, quase vivas, moldadas com sensibilidade e respeito. Ao esculpir homens e mulheres simples, ele

também esculpia sentimentos: saudade, esperança, fé, sofrimento e ternura. Em cada peça permanecia a impressão de que o artista procurava salvar do esquecimento aqueles que raramente tinham seus nomes registrados pela história.

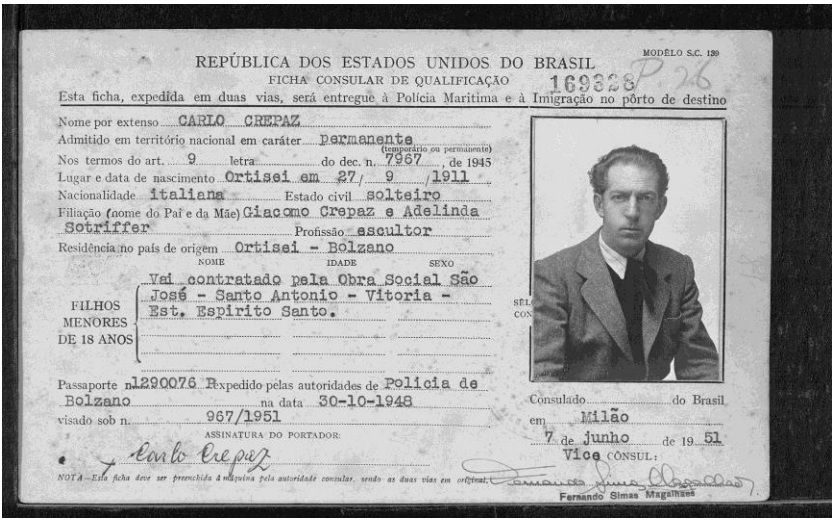
Seu talento não estava apenas na técnica refinada, mas na capacidade rara de transformar o cotidiano em arte eterna. As figuras populares que criava pareciam carregar alma própria, como se o escultor tivesse conseguido aprisionar, dentro da matéria, a delicadeza silenciosa da existência humana.

É difícil enumerar as obras de Crepaz que estão expostas em igrejas e museus de diferentes países. Entre outras estão incluídas imagens em igrejas da Itália, da França, Espanha, Alemanha.

Antes de deixar sua terra natal e partir para o Brasil, Carlo Crepaz precisou despedir-se de seu grande amor, Flora. A separação foi marcada pela esperança e pela promessa de que a distância não seria capaz de apagar os sentimentos que os uniam. Com o coração dividido entre a partida e a saudade, levou consigo a

certeza de que, um dia, seus caminhos voltariam a se encontrar e que continuariam juntos a história que haviam começado a escrever.

Da terra natal ao Brasil



MODÊLO S.C. 130

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO 169328 P 26

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Policia Maritima e à Imigração no pôrto de destino

Nome por extenso CARLO CREPAZ

Admitido em território nacional em caráter permanente (temporário ou permanente)

Nos termos do art. 9 letra do dec. n. 7967 de 1945

Lugar e data de nascimento Ortisei em 27 / 9 / 1911

Nacionalidade italiana Estado civil solteiro

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Giacomo Crepaz e Adelinda Sotriffer Profissão escultor

Residência no país de origem Ortisei - Bolzano

	NOME	IDADE	SEXO
FILHOS MENORES DE 18 ANOS	Vai contratado pela Obra Social São José - Santo Antonio - Vitoria - Est. Espirito Santo.		

Passaporte n. 1290076 expedido pelas autoridades de Policia de Bolzano na data 30-10-1948

visado sob n. 967/1951

ASSINATURA DO PORTADOR: Carlo Crepaz

Consulado do Brasil em Milão 7 de junho de 19 51

Vice CÔNSUL: Fernando Simas Magalhães

NOTA – Esta ficha deve ser preenchida à máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

No ano de 1951, Carlo Crepaz veio para o Brasil contratado pela Obra Social São José, localizada no bairro Santo Antônio, em Vitória no Espírito Santo. Sua vinda foi intermediada pelo pároco da igreja Matriz, Mateus

Panizza, nascido na Itália e residente no Espírito Santo desde 1947. Logo após sua chegada, Carlo passou a morar em um sobrado na Rua Ernesto Bassini, em frente à Padaria Santuário. O imóvel reunia, em um mesmo espaço, a vida familiar e a criação artística. No andar superior ficava a residência, enquanto o térreo abrigava o *ateliê* onde Carlo passava grande parte de seus dias, transformando barro, madeira e bronze em obras que marcariam a paisagem e a memória do Espírito Santo.

Em seu local de trabalho, quem o via em atividade deparava-se com um cenário que parecia suspenso no tempo. Pelos cantos do grande salão, pouco iluminado, acumulavam-se obras de arte cobertas por uma fina camada de poeira, empilhadas à espera de seu destino. Próximo dali, um gigantesco tanque guardava a batinga e o barro que ganhariam forma em futuras esculturas.

Era naquele ambiente silencioso que passava longas horas. Com suas mãos grandes e vigorosas, media, talhava e moldava a matéria bruta, transformando-a em expressão artística. Cada gesto revelava a experiência adquirida ao longo dos anos e a paixão que nutria pelo

ofício. Ao final de apenas dois dias de trabalho intenso, o busto em elaboração estava concluído, pronto para eternizar em formas aquilo que antes existia apenas em sua imaginação. No silêncio da oficina, tinha como companheiros, além das peças que o cercavam, os pequenos internos do Pavilhão das Obras Pavonianas de Santo Antônio, localizado ao seu lado.

Carlos Crepaz era um homem alto, louro e de porte robusto. Vestia-se com simplicidade, quase sempre usando um avental azulão salpicado de tintas e marcas do trabalho diário. Havia nele algo que remetia aos antigos camponeses de sua terra natal, característica que parecia confirmar suas origens em Ortisei.

Falava com um sotaque carregado, que preservava as lembranças da pátria distante. Em suas palavras misturavam-se recordações de vida, experiências acumuladas ao longo dos anos e reflexões sobre a arte, à qual dedicara sua existência. Enquanto suas mãos transformavam o barro e a pedra em beleza, sua voz revelava a trajetória de um homem moldado pelo

trabalho, pela fé e pelas adversidades do século que atravessara.

Costumava resumir sua filosofia de vida em uma frase simples, mas profunda:

— O homem que viveu a guerra só pode amar a paz e a sua arte.

Além de esculpir em gesso e fundir suas estátuas em bronze, Crepaz também entalhava madeira e gostava de desenhar. Ao receber um cartão-postal, transformava-o em uma obra de arte por meio de seus pincéis.

Embora não o demonstrasse de forma aberta, Carlos Crepaz não via o abstracionismo como uma verdadeira expressão artística. Fiel aos princípios que orientavam sua formação e sua trajetória, permanecia dentro de uma linha estética bem definida. Isso, porém, não significava acomodação. Pelo contrário, buscava constantemente inovar em suas técnicas e aperfeiçoar sua linguagem escultórica.

Sua arte fundamentava-se na representação fiel da figura humana. Mais do que reproduzir com precisão os traços físicos de seus modelos, procurava revelar aquilo

que os olhos nem sempre alcançam: a personalidade, as emoções e a essência de cada pessoa. Em suas esculturas, a matéria ganhava vida, e cada rosto parecia carregar uma história silenciosa, preservada para além do tempo.

Em muitos de seus desenhos, o pôr do sol aparece como tema recorrente. Não era uma escolha casual, mas a expressão de um encantamento profundo pela paisagem que o cercava.

Segundo o Sociólogo José Marques Porto, que conviveu durante muitos anos ao lado de Crepaz, ele nos contou:

"O viu criando inúmeras esculturas, entre elas, o entalhe de Dona Domingas em madeira e a fundição em bronze, além dos bustos de Getúlio Vargas, Pio XII e outros. O artista costumava afirmar que o pôr do sol de Santo Antônio era o mais belo do mundo. Passava horas no *ateliê* com ele, tanto no Ludovico Pavoni, em sua casa, e, posteriormente, na casa em Jacaraípe.

Talvez fosse naquele espetáculo diário de luz e cores que ele encontrasse inspiração para sua arte. Os

tons dourados que se espalhavam pelo horizonte pareciam despertar nele as mesmas emoções que procurava eternizar na pedra, no barro e no bronze. Assim, o pôr do sol não era apenas um elemento de suas obras, mas também um reflexo do olhar sensível com que contemplava a vida.

Vinculou-se às obras sociais e educacionais dos padres Pavonianos, localizadas junto ao Santuário de Santo Antônio, no bairro de Santo Antônio. Ali, ele atuou como instrutor e professor, ensinando técnicas de escultura, talha em madeira e modelagem para jovens aprendizes, ao mesmo tempo em que executava as primeiras peças sacras para a ornamentação do complexo do futuro Santuário que, em 2008, receberia do Vaticano o título de Basílica.

Com o passar do tempo, ele conquistou a admiração e o carinho de todos ao seu redor. Não era estimado apenas pelos padres, que reconheciam sua dedicação, simplicidade e espírito generoso, mas também pelos alunos, que viam nele muito mais do que um

professor: encontravam um amigo atento, um conselheiro paciente e uma fonte permanente de inspiração.

Sua presença marcante, aliada ao talento artístico e à cordialidade com que tratava as pessoas, fez com que rapidamente se tornasse uma figura respeitada e admirada. Não demorou para que seu nome ultrapassasse os limites da instituição e passasse a ser conhecido em todo o bairro. Aos poucos, tornou-se uma personalidade ilustre da comunidade, alguém cuja trajetória despertava respeito e cuja convivência deixava lembranças duradouras em todos que tiveram o privilégio de conhecê-lo.

Márcia Giestas nos contou que sua mãe, Maria Gianordoli Giestas, foi diretora do G.E.A. da Obra Pavoniana São José, onde funcionava também um grupo escolar do governo. Eram 2.000 alunos. Os padres mantinham várias oficinas-escolas, onde se aprendiam diversas profissões. O diretor das oficinas era o padre Virgínio Stefanini. O diretor geral dos pavonianos era o padre Mateus Panizza. Na escola, era produzido o jornal "Guri Pavoniano". Segundo seu relato, a instituição tinha

grande apreço por Carlos Crepaz. Todos os anos, por ocasião de seu aniversário, fazia questão de publicar no jornal uma mensagem de felicitações em sua homenagem, demonstrando o carinho, o respeito e a admiração que ele despertava na comunidade.

ANIVERSÁRIO

Fez anos no dia 27 de setembro o Sr. Carlos Crepaz, escultor e pintor de grande valor.

Por ser ele amigo dos que trabalham na Obra Social São José, não poderíamos deixar passar despercebida esta data tão significativa.

Seus parentes estão ausentes, na Itália, mas aqui no Brasil o Sr. tem muitos amigos que o prezam.

Mesmo um pouquinho tarde, aceite os votos sinceros de felicidades do "Guri Pavoniano".

Setembro de 1957

Márcia guarda até hoje um pequeno Cristo crucificado, feito por ele a pedido de sua mãe. A peça, de delicada execução, permanece como uma lembrança afetiva que atravessa o tempo, preservando não apenas a imagem da obra, mas também a memória do gesto que a originou.

Arnaldo Francisco recorda que, ainda criança, ficava fascinado ao observar Carlo Crepaz em seu *ateliê*. Diante de suas mãos em movimento, via surgir formas que lhe

pareciam quase mágicas. Entre as lembranças mais vivas, estão a estátua de Dona Domingas, esculpida em madeira, e um crucifixo de grandes dimensões, também entalhado por ele, que precisou ser transportado em um caminhão devido ao seu tamanho e peso.

Além de atuar na Grande Vitória, muitas de suas obras foram encomendadas para outras cidades do Espírito Santo, como Nova Venécia, São Mateus, Colatina e outras. Suas atividades profissionais dividiram-se essencialmente em duas frentes: a docência (ensino de artes) e a produção em seu próprio *ateliê*.

O reconhecimento de seu talento e de sua experiência artística levou Carlo Crepaz a ingressar no magistério. Em 1957, a convite de Homero Massena, então diretor da Escola de Belas Artes, localizada em frente ao Palácio Anchieta, em Vitória, passou a lecionar as disciplinas de Modelagem e Escultura. Na instituição, também lecionavam, o pintor Homero Massena, Maurício Salgueiro, entre outros.

Sua atuação como professor rapidamente se destacou, não apenas pelo domínio técnico, mas também

pela dedicação com que transmitia seus conhecimentos às novas gerações de artistas.

Por volta de 1961, deu continuidade ao seu trabalho docente no então Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Integrando um grupo seleto de educadores e artistas, participou ativamente da implantação do Centro de Artes na região de Goiabeiras, em Vitória, contribuindo para a consolidação de uma das mais importantes instituições de ensino artístico do estado.

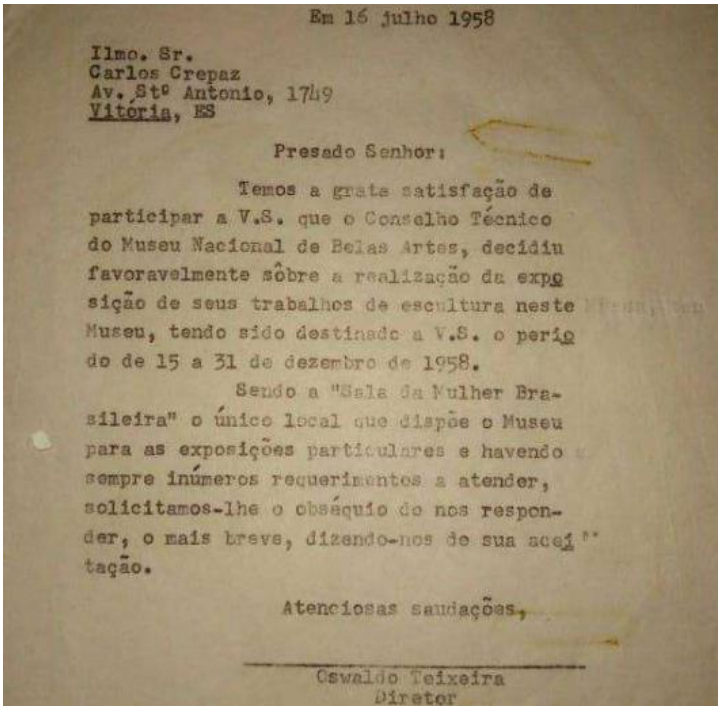
A obra de Carlo Crepaz distingue-se pela fidelidade à tradição escultórica clássica e pela extraordinária capacidade de conferir vida à matéria. Em suas esculturas, a precisão dos traços, a harmonia das proporções e o apurado senso de realismo revelam um artista profundamente comprometido com a representação da figura humana. Mais do que reproduzir formas, Crepaz buscava capturar sentimentos, expressões e aspectos da personalidade de seus modelos, transformando cada peça em um testemunho permanente da condição humana.

Essa opção estética aproximava sua produção da grande tradição da escultura europeia, evocando mestres como Michelangelo Buonarroti e Gian Lorenzo Bernini, sem que, contudo, perdesse sua essência. Seu talento e sua seriedade profissional fizeram com que suas obras fossem frequentemente encomendadas por autoridades civis, instituições religiosas e entidades públicas.

Ao longo das décadas, suas esculturas passaram a integrar a paisagem urbana de Vitória e de diversas cidades capixabas, tornando-se parte da memória coletiva da população. Espalhadas por praças, igrejas e espaços públicos, suas criações continuam despertando admiração e encantamento. Ainda hoje, quem se detém diante de uma obra de Carlo Crepaz percebe não apenas a habilidade técnica do escultor, mas também a sensibilidade de um artista que soube eternizar na pedra, no bronze e na madeira a beleza e a emoção da vida.

No ano de 1958, Carlo Crepaz, enviou ao Museu Nacional de Belas Artes uma correspondência acompanhada de fotografias de algumas de suas esculturas. A iniciativa visava promover sua obra junto à

prestigiosa instituição e viabilizar a realização de uma exposição individual. Em julho do mesmo ano, recebeu a resposta do museu, confirmando a realização da exposição, fato que evidenciava o reconhecimento e a valorização de sua produção artística.



Em 16 julho 1958

Ilmo. Sr.
Carlos Crepaz
Av. Stº Antonio, 1749
Vitória, ES

Presado Senhor:

Temos a grata satisfação de participar a V.S. que o Conselho Técnico do Museu Nacional de Belas Artes, decidiu favoravelmente sôbre a realização da exposição de seus trabalhos de escultura neste Museu, tendo sido destinado a V.S. o período de 15 a 31 de dezembro de 1958.

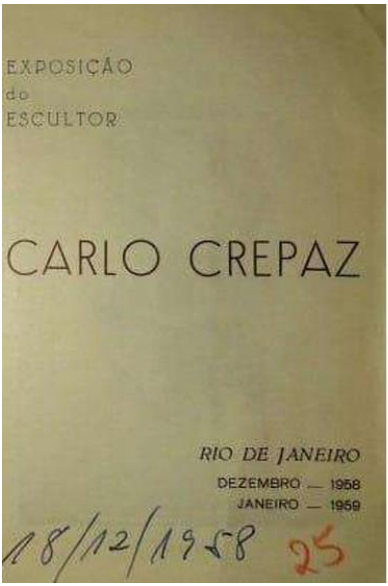
Sendo a "Sala da Mulher Brasileira" o único local que dispõe o Museu para as exposições particulares e havendo sempre inúmeros requerimentos a atender, solicitamos-lhe o obséquio de nos responder, o mais breve, dizendo-nos de sua aceitação.

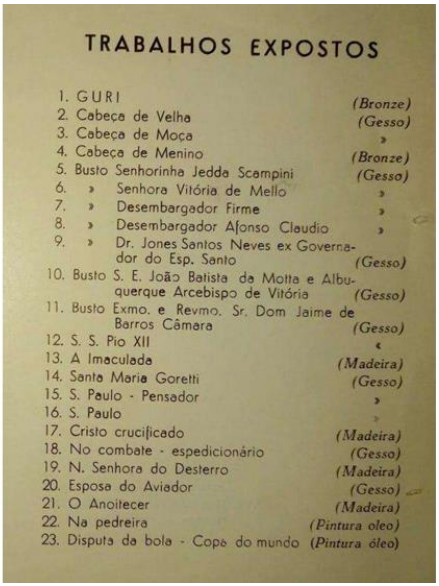
Atenciosas saudações,

Oswaldo Teixeira
Diretor

Fonte: Museu Nacional de Belas Artes

Catálogo de apresentação da exposição do Carlo Crepaz





Fonte: Museu Nacional de Belas Artes

O conjunto de 23 obras apresentado na exposição, conforme registrado no catálogo oficial, permitiu uma compreensão mais ampla da proposta estética desenvolvida por Carlo Crepaz. As esculturas evidenciavam não apenas o elevado domínio técnico do artista, mas também os fundamentos conceituais e a tradição artística que orientavam sua produção. A mostra

alcançou significativa repercussão na imprensa, sendo objeto de reportagens em periódicos de expressiva circulação. Entre os destaques, sobressai a escultura *O Anoitecer* (Dona Domingas), cuja imagem foi escolhida para ilustrar uma das matérias jornalísticas. Tal evidência demonstra o prestígio e a relevância atribuídos à obra naquele momento, conferindo-lhe posição de destaque entre as peças expostas.

O primeiro veículo de imprensa a noticiar a exposição foi o jornal "Tribuna da Imprensa", em 2 de janeiro de 1959, na página 4. Por meio da reportagem intitulada *"Escultor Italiano Expõe nas Belas Artes"*. A matéria destacou aspectos centrais da produção artística de Carlo Crepaz, enfatizando sua habilidade em conciliar o rigor anatômico com a capacidade de captar a expressividade e a personalidade de seus retratados.

O periódico também apresentou informações detalhadas sobre as obras expostas, mencionando os diferentes materiais empregados pelo escultor, entre eles gesso, bronze e madeiras como cedro, jenipapo e pequiá. Foram igualmente registradas as dimensões de algumas

peças, destacando-se a escultura do Papa Pio XII, com 1,80 metro de altura, apontada como a maior da mostra, e a imagem da Imaculada, esculpida em pequiá, identificada como uma das menores.

Entre as obras executadas em madeira, a reportagem citava *Fuga para o Egito*, *Cristo Crucificado* e *Anoitecer*. Sobre esta última, o jornal observava tratar-se da representação de uma mulher negra idosa, figura popular na paisagem humana de Vitória, retratada carregando um saco às costas e um feixe de lenha em uma das mãos. Em bronze, receberam destaque as esculturas *O Guri* e uma cabeça de menino com acabamento patinado. Já entre as peças em gesso, a matéria mencionava diversas obras, entre elas *Esposa do Aviador*.

Além da análise da exposição, a reportagem traçou um breve panorama da trajetória de Carlo Crepaz, ressaltando sua participação em exposições e a presença de suas obras em coleções particulares e instituições situadas em países como Alemanha, França, Itália, Inglaterra e Estados Unidos. O texto também evidenciava

a predileção do artista por esculturas de grandes proporções, especialmente bustos monumentais, observando que muitas das peças produzidas naquele período já integravam acervos privados e religiosos.

Nesse contexto, foi mencionada a escultura *Fuga para o Egito*, pertencente à Capela de Nossa Senhora do Desterro, em Vitória, demonstrando a inserção de sua obra em espaços de devoção e patrimônio religioso. A matéria encerra-se com uma declaração do próprio escultor, na qual revela sua preferência pela arte escultórica em detrimento da pintura, atividade que exercia apenas ocasionalmente: "Pintura faço apenas nos intervalos das esculturas, que têm minha preferência".

Rio de Janeiro, 2 de Janeiro de 1959

Escultor italiano expõe nas Belas Artes

Carlos Crepaz fêz 23 trabalhos durante um ano

Escultor italiano que se caracteriza pelo vigor da anatomia e em captar a expressão da personalidade, Carlo Crepaz veio de Vitória, no Espírito Santo, para expor 23 trabalhos, incluindo dois quadros a óleo.

A mostra do Museu de Belas Artes compreende arte sacra e profana, com esculturas em bronze, gêsso e madeira (cedro, jenipapo e piquiá). A de maior dimensão — 1.80 metros em gêsso — representa o Papa Pio XII (sem óculos) e ajoelhado, orando. A menor, em tamanho é a da Imaculada, feita em piquiá. Ainda em madeira, a "Fuga para o Egito", "Cristo Crucificado", "Anoitecer", esta uma preta velha, tipo popular em Vitória, que carrega um saco às costas e lenha, numa das mãos. Em bronze, o busto: "O Guri", e uma cabeça de menino. Patinado, vários gessos, entre outros, "Espôsa do Aviador".

O PAPA

A escultura do Papa Pio XII traz nas vestes do pontífice várias figuras pertencentes à Igreja. Nas bordas do manto, os painéis de São Pedro e São Paulo, os quatro evangelistas: São Marcos, São Mateus, São Lucas e São João, os doutores da Igreja, Santo Agostinho e São Boaventura. Nos dois extremos do manto e em baixo, à esquerda, o Papa Pio X, e à direita, Santa Maria Goretti.

No escudo, sôbre a capa, o dogma da Assunção, que é de 1950. Por baixo do manto, uma estola.

A falta dos óculos é explicada pelo autor como um complemento a acabar, ainda.

O ESCULTOR

Carlo Crepaz é professor de Modelagem na Escola de Belas Artes de Vitória, há cinco anos. Veio da Itália, da cidade de Ortisei, nos Alpes Italianos, para lecionar em Vitória, a convite dos padres pavonianos, no bairro Santo Antônio.

Tem trabalhos no museu Treiburg, da Alemanha, e nas igrejas e coleções particulares da França, Inglaterra e América do Norte.

É a primeira vez que expõe no Rio e, anteriormente, em Vitória. Na Itália, já se apresentou numa exposição coletiva, mas de pintura.

Disse-nos o escultor, que prefere as obras de grandes dimensões e sobretudo, os bustos.

Crepaz jembrou que os trabalhos foram feitos durante um ano e fazem parte de coleções particulares e de igrejas, entre outros, a "Fuga para o Egito", que é da Capela de N. S. do Destêrro, em Vitória.

— "Pintura faço apenas, nos intervalos das esculturas, que têm minha preferência"



"A Fuga para o Egito" é feita em madeira

Fonte: BNDigital

A exposição também recebeu destaque nas páginas do "Jornal do Brasil", em matéria publicada no 1º Caderno de 8 de janeiro de 1959, na página 8. Sob o título 'Esculpe em Madeira", a reportagem apresentou informações sobre a mostra realizada no Museu Nacional de Belas Artes, destacando o conjunto de 23 esculturas expostas e informando ao público que o encerramento da exposição estava previsto para o dia 15 de janeiro daquele ano.

A matéria identificava Carlo Crepaz como professor catedrático da Escola de Belas Artes de Vitória e ressaltava a predominância de temas sacros em sua produção escultórica. O texto observava ainda que aquela representava a primeira exposição individual do artista no Rio de Janeiro, embora ele já tivesse participado de mostras em cidades como Vitória e São Paulo. Também mencionava sua formação artística na Itália e a presença de obras de sua autoria em diversas igrejas de Roma, evidenciando o reconhecimento de seu trabalho tanto no Brasil quanto em seu país de origem.

Ao abordar o conjunto das esculturas expostas, a reportagem chamava atenção para a diversidade temática da mostra. Entre as obras citadas encontrava-se *Disputa da Bola*, inspirada em uma cena de futebol, além de retratos em forma de cabeças e bustos representando personalidades políticas, jurídicas e religiosas. Essas peças conviviam no espaço expositivo com imagens sacras de santos e figuras da tradição católica, entre elas o Papa Pio XII, Santa Maria Goretti, São Paulo e Nossa Senhora. Tal variedade temática demonstrava a versatilidade artística de Crepaz, capaz de transitar entre a retratística, a representação religiosa e a observação de aspectos da vida cotidiana.



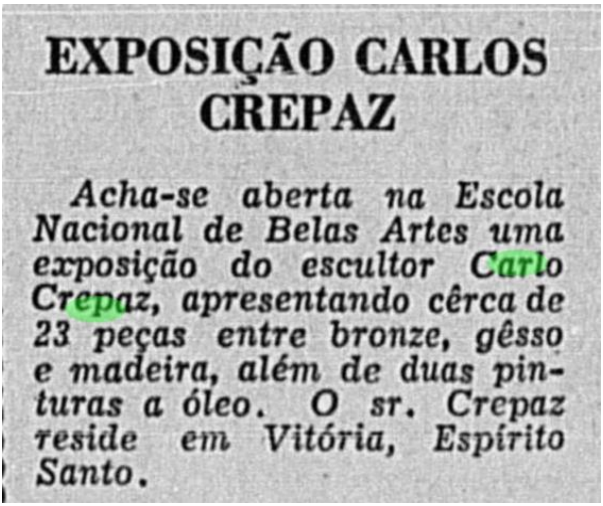
BRASIL — QUINTA-FEIRA, 8 DE JANEIRO DE 1959

ESCULPE EM MADEIRA

Estará expondo no Museu Nacional de Belas-Artes, até o próximo dia 15, o escultor Carlo Crepaz, catedrático da Escola de Belas-Artes de Vitória. Vinte e três peças, a maioria de motivos sacros, apresenta o artista aos cariocas. Embora seja a sua primeira exposição no Rio, já fêz várias em São Paulo e Vitória. Também na Itália, onde nasceu e estudou, o escultou expôs seus trabalhos. Em várias igrejas de Roma há esculturas de sua autoria. Dentre as obras expostas, há uma cena da Copa do Mundo, "Disputa da Bola", e um aspecto de pedreira que são pinturas a óleo. As outras são esculturas em bronze, gêsso e madeira. Retratos (cabeças e bustos) de personalidades políticas e eclesiásticas se alinham ao lado de santos: desembargadores, o Governador do Espírito Santo, o Arcebispo de Vitória, o Cardeal D. Jaime Câmara, do Rio, Pio XII, Santa Maria Garotti, São Paulo e Nossa Senhora estão entre êles

Fonte: BNDigital

A exposição também foi mencionada pelo jornal "Correio da Manhã" em 15 de janeiro de 1959 - 1º Caderno – p. 16. Por meio de uma breve nota informativa destinada à divulgação do evento. A publicação comunicava ao público a abertura da mostra na Escola Nacional de Belas Artes, destacando a exibição de 23 esculturas executadas em bronze, gesso e madeira, além de duas pinturas que integravam o conjunto apresentado aos visitantes. A nota encerrava-se informando que o artista residia em Vitória, no Espírito Santo, situando-o no cenário cultural brasileiro da época.



EXPOSIÇÃO CARLOS CREPAZ

Acha-se aberta na Escola Nacional de Belas Artes uma exposição do escultor Carlo Crepaz, apresentando cêrca de 23 peças entre bronze, gêsso e madeira, além de duas pinturas a óleo. O sr. Crepaz reside em Vitória, Espírito Santo.

Fonte: BNDigital

A pesquisa realizada junto aos registros do Museu Nacional de Belas Artes permitiu esclarecer detalhes relativos à aquisição e à trajetória institucional da obra *O Anoitecer*, de Carlo Crepaz. Catalogada sob o registro nº 3029, a escultura integra a coleção de Escultura Estrangeira do museu, sendo classificada como estátua. O processo de incorporação da obra ao acervo está registrado sob o nº 10105, tendo sua aquisição ocorrido em julho de 1959.

Os documentos indicam que Carlo Crepaz foi tanto o vendedor quanto o proprietário anterior da peça, à época residente em Vitória, Espírito Santo. Após a negociação, a obra passou a integrar o acervo do Museu Nacional de Belas Artes, onde permanece registrada como disponível. Sua localização fixa encontra-se na Reserva Técnica 3 – Morales de Los Rios.

Os registros também fornecem informações sobre a circulação da escultura ao longo dos anos. Consta que a obra foi emprestada em regime de comodato ao Hotel Copacabana Palace, conforme o processo nº 01466.000082/98-83. Em 2011, *O Anoitecer* integrou a

Exposição de Escultura Estrangeira, realizada na Sala Rodrigo Melo Franco, no Museu Nacional de Belas Artes. Posteriormente, a peça foi selecionada para compor a mostra *Das Galés às Galerias: Representações e Protagonismos do Negro no Acervo do Museu Nacional de Belas Artes*, apresentada no Rio de Janeiro entre maio e novembro de 2018. Esses registros evidenciam não apenas o percurso administrativo da escultura, mas também sua contínua presença em exposições de relevância para a valorização do patrimônio artístico preservado pela instituição.



Dona Domingas no Museu de Belas Arte no Rio de Janeiro

A Modelo que se Tornou Arte

Crepaz buscou em muitas pessoas a inspiração para suas esculturas, mas foi na figura da senhora Nerinha Bortoluzzi Herzog que encontrou sua musa mais constante e profundamente evocada, aquela cuja presença parecia atravessar o mármore e permanecer, viva, na eternidade da forma.

Moradora de Vila Velha, no Espírito Santo, ela, com sua simpatia serena e uma cordialidade que parecia nascer de uma alma generosa e antiga, nos relatou essa passagem com emoção contida, como quem abre uma janela para o passado sem jamais perder a delicadeza do presente. Em suas palavras, havia não apenas a lembrança dos fatos, mas também o calor das experiências vividas, como se cada detalhe ainda pulsasse suavemente em sua memória, envolto em afeto, respeito e uma espécie de saudade silenciosa que só o tempo sabe cultivar.

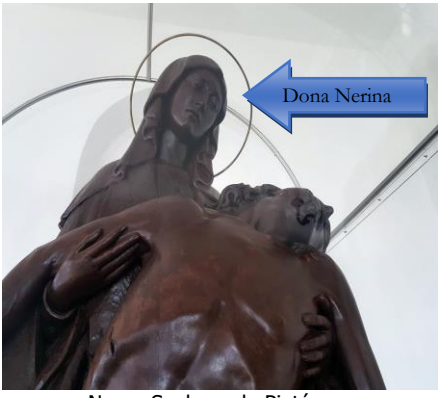
"Carlo Crepaz foi um grande amigo de nossa família. Com ele aprendi a desenhar. Como eu era muito

moça na época, ele falou com meu pai para que eu posasse como modelo para os seus trabalhos de escultor. Sua arte está expressa até hoje em suas obras, que representam personagens históricos, nas quais tive a honra de ser modelo em algumas: a escultura da imigração alemã, na praia central da cidade de Domingos Martins (ES), em 1954. Posaram como modelos os jovens italianos Bruno Plozner (como pai) e eu (como mãe). A estátua da professora Ernestina Pessoa, em Vitória, no Parque Moscoso, e talvez a mais bela, a Pietà na antessala do Convento da Penha, na cidade de Vila Velha.

Também uma escultura para a qual servi de modelo foi exposta no Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Nesse período da minha vida, tive a grande oportunidade e sorte de aprender tantas coisas que, mais tarde, seriam bastante úteis para mim. Os queridos amigos que conheci naquela época foram os professores nos cursos profissionais de arte, entalhe, marcenaria e artesanato na escola das Obras Pavonianas."



Tradução da Placa: Ao Colono Imigrante que aqui veio ajudar a construir uma grande pátria, a gratidão da terra capixaba. 10.10.1954



Nossa Senhora da Pietá



Assinatura de Carlo Crepaz



Nerina Bertoluzzi Herzog

Ao longo de sua trajetória acadêmica, Carlo Crepaz deixou um legado que ultrapassou as obras que criou. Formou escultores, incentivou talentos e ajudou a construir os alicerces do ensino das artes visuais no Espírito Santo. Sua contribuição foi decisiva tanto para a história da arte pública capixaba quanto para a formação de toda uma geração de artistas que encontraram em suas aulas inspiração, disciplina e amor pelo ofício.

Marisa Amaral, uma de suas alunas, nos contou:

— Gostava de conversar com Carlo Crepaz na UFES. Certa vez, nas escadas do Centro de Artes, eu lhe disse que estava com fome, pois já era hora do almoço.

Ele então me respondeu que eu não deveria falar assim, porque não sabia o que era passar fome de verdade. Referia-se aos tempos difíceis da guerra que viveu em Ortisei. Até hoje me lembro daquela conversa; foi algo que me marcou profundamente.

Paralelamente ao magistério, Crepaz mantinha seu espaço de criação artística em Vitória.

Não há um catálogo cronológico completo de todas as suas obras, pois muitas esculturas de sua autoria foram transferidas de seus locais de origem. É o caso da imagem de Nossa Senhora de Fátima, executada para o município de Anchieta, da qual hoje se sabe apenas que teria sido levada para Belo Horizonte.

Outro fato triste que consideramos importante registrar surgiu durante uma entrevista com uma professora da UFES, cujo nome optamos por preservar. Anos depois, quando Crepaz já havia retornado à sua cidade natal, ela foi encarregada de organizar a pasta documental que o escultor deixara na universidade. Seu relato revelou aspectos que ajudam a compreender o destino de parte do acervo e da memória de um artista

que tanto contribuiu para a formação cultural e artística do Espírito Santo.

"Quando fui designada para organizar os documentos de Carlos Crepaz, fiquei atônita. Não havia mais nada. Levei o caso ao conhecimento da Reitoria, mas nada foi feito. Então, sem saber o que fazer, fui a uma delegacia e registrei um boletim de ocorrência. Infelizmente, tudo ficou por isso mesmo."

O interessante é que, mesmo morando no Brasil, era em seu país de origem que se concentrava a maior parte de seus trabalhos como escultor, além de outras obras espalhadas. Na Alemanha, temos o busto de Ludwig Moroder em 1937, em Triberg.[5]



Ludwig Moroder



Assinatura de Carlo Crepaz na estátua – 1937

A Basílica- Santuário de Santo Antônio

Desde 1951, o bairro de Santo Antônio contava com a Paróquia de Santo Antônio, confiada aos cuidados dos Religiosos Pavonianos. Contudo, com o expressivo crescimento populacional da região ao longo dos anos, a antiga igreja matriz já não conseguia atender adequadamente às necessidades da comunidade. Diante dessa realidade, lideranças religiosas e moradores passaram a discutir a construção de um novo templo paroquial, capaz de acolher o número cada vez maior de fiéis e acompanhar o desenvolvimento do bairro. A

solução partiu do bispo Dom José Joaquim Gonçalves, que, em 1956, confiou aos Religiosos Pavonianos a missão de construir um santuário dedicado a Santo Antônio. O santo havia sido proclamado Padroeiro da Cidade, juntamente com Nossa Senhora da Vitória, o que conferia à iniciativa não apenas importância religiosa, mas também grande significado para a identidade e a devoção do povo capixaba.

Após diversos estudos, análises e pesquisas arquitetônicas, decidiu-se, com a aprovação do bispo, adotar como modelo para a nova igreja o Templo de Nossa Senhora da Consolação, na cidade de Todi, na Itália. A escolha refletia não apenas a beleza e a imponência de sua arquitetura, mas também o desejo de erguer um templo que expressasse a fé, a tradição e a identidade religiosa da comunidade que se formava em torno do projeto.



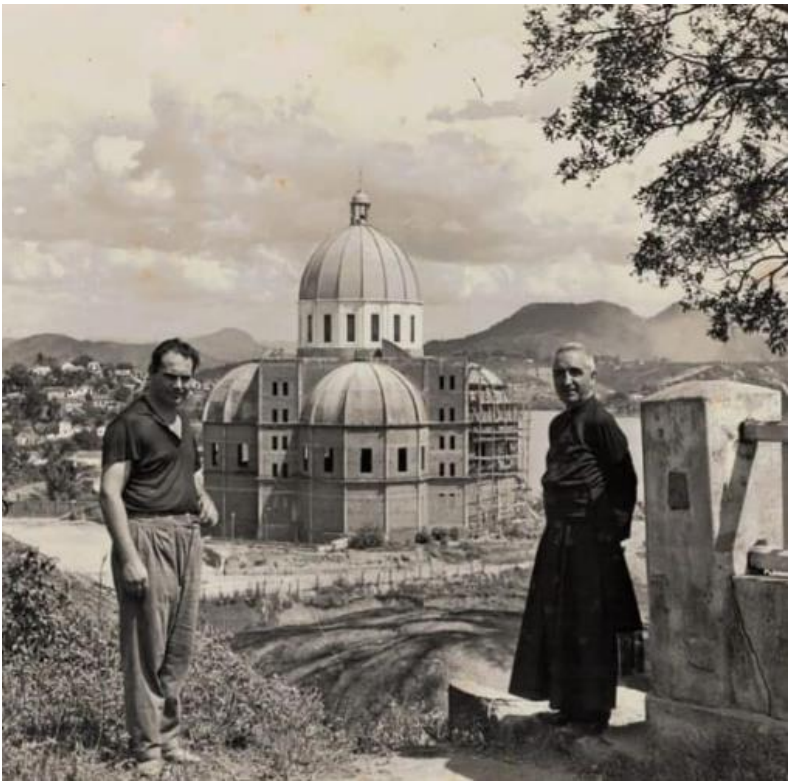


À foto da direita encontra-se a Igreja de Santa Maria da Consolação, localizada em Todi, na província de Perugia, região da Úmbria, no centro da Itália. Considerada uma das mais importantes obras da arquitetura renascentista italiana, o templo serviu de inspiração para a construção do Santuário de Santo Antônio. Todi é uma histórica cidade italiana e comuna da província de Perugia, conhecida por seu rico patrimônio artístico, cultural e religioso.

À esquerda, vê-se o Santuário de Santo Antônio, uma fiel reprodução da Igreja de Nossa Senhora da Consolação, obra-prima da arquitetura renascentista inspirada nos traços de Bramante. O templo original, construído no século XVI, localiza-se na cidade de Todi,

na Itália, e serviu de modelo para a edificação do santuário capixaba.

Com o lançamento da Pedra Fundamental do Santuário de Santo Antônio, em 9 de dezembro de 1956, teve início uma das mais importantes obras religiosas da cidade. A partir daquela cerimônia simbólica, começaram os trabalhos de construção do templo, cuja edificação exigiria anos de esforço, dedicação e mobilização da comunidade. Quinze anos mais tarde, em 29 de maio de 1971, o sonho finalmente se concretizaria com a inauguração do Santuário, marco de fé e devoção para gerações de fiéis.



Construção da Basílica de Santo Antônio. Na foto, os padres Luiz Mauri e Matheus Panizza, em 1966

No interior da igreja destaca-se a expressiva escultura em peroba do Cristo moribundo na Cruz, retratado no instante de seu derradeiro clamor. A obra, de grande força dramática e espiritual, foi esculpida e doada por Carlos Crepaz.

Outros painéis pintados nas paredes da igreja retratam importantes passagens bíblicas, entre elas a Anunciação, a Santa Ceia, a Crucificação e o Pentecostes, dois quadros de temática religiosa, o santo pregando aos peixes e a mula ajoelhada diante do Santíssimo Sacramento (1952).

Essas obras contribuem para transformar o interior do templo em um verdadeiro espaço de catequese visual, onde a arte se coloca a serviço da fé e da contemplação.

Os vitrais também contaram com a colaboração de Carlos Crepaz, que imprimiu neles sua sensibilidade artística e seu profundo conhecimento da iconografia religiosa. Juntos, os painéis, esculturas e vitrais formam um conjunto harmonioso de grande valor histórico, artístico e espiritual, constituindo uma das mais significativas contribuições do artista ao patrimônio religioso capixaba.

O Cristo moribundo na Cruz está instalada ao fundo do presbitério e emoldurada por um conjunto de placas comemorativas, a escultura impressiona por suas dimensões monumentais, medindo 4,60 metros de altura

por 2,55 metros de largura. Mais do que um elemento decorativo, a peça convida à contemplação do sacrifício de Cristo, unindo arte, fé e devoção em uma composição de rara expressividade.

Encontra-se também no templo a belíssima escultura em cedro de Nossa Senhora do Desterro, outra notável obra de Carlos Crepaz. A imagem foi originalmente concebida para a capela situada no Morro do Cruzeiro, mas acabou sendo transferida para a igreja após o templo original sofrer graves atos de vandalismo que resultaram em sua quase completa destruição.

Preservada graças a essa mudança, a escultura permanece como testemunho da habilidade artística de Crepaz e de sua profunda sensibilidade religiosa. Além de seu valor devocional, a obra representa um importante legado histórico e cultural, mantendo viva a memória de um espaço sagrado que marcou a vida da comunidade.

Em 1965, em reconhecimento aos relevantes serviços prestados à comunidade e à valiosa contribuição que ofereceu à arte e à cultura locais, Carlo Crepaz

recebeu o título de Cidadão Vitoriense, uma das mais significativas homenagens concedidas pelo município.

Finalmente a promessa comprida

Já com a vida estabelecida no Espírito Santo, Carlo jamais deixou de manter vivo o vínculo com Flora, sua namorada que permanecera em Ortisei. Ao longo dos anos, incontáveis cartas cruzaram o oceano, carregando palavras de amor, saudade e esperança. Cada mensagem alimentava a certeza de que a distância era apenas uma circunstância passageira. Finalmente, após anos de espera e fidelidade aos sentimentos que os uniam, o sonho tornou-se realidade: os dois voltaram a se encontrar para viver, lado a lado, a história de amor que o tempo jamais conseguiu apagar. No início de 1966, Carlo Crepaz partiu para o Rio de Janeiro movido por uma expectativa que ultrapassava qualquer conquista artística. Ali aguardaria a chegada de sua "sonhada escultura": Flora Walpoth, a mulher que habitava seu coração desde a juventude. Após quase vinte anos de separação, marcados pela distância,

pelas cartas e pela saudade, os dois voltariam a se encontrar. O tempo havia passado, os caminhos haviam sido longos, mas o amor permanecera intacto, unindo-os muito além dos oceanos que os separavam. Quando Flora finalmente chegou ao Brasil, não era apenas um reencontro; era a realização de uma promessa silenciosamente preservada ao longo de duas décadas, a vitória do afeto sobre o tempo e a distância.

Quem duvida da existência do amor verdadeiro talvez encontre respostas nas histórias de Romeu e Julieta, de Dante Alighieri e Beatriz Portinari. São amores que desafiaram o tempo, a distância e as adversidades, permanecendo vivos na memória dos séculos. Se ainda restasse alguma dúvida sobre a força desse sentimento, a história de Carlo e Flora seria suficiente para dissipá-la. Afinal, há amores que não se curvam aos anos nem às separações; permanecem silenciosamente guardados no coração, aguardando o momento de florescer novamente.

Em 8 de outubro de 1966, Carlo e Flora uniram suas vidas em matrimônio, encerrando uma longa jornada de espera, saudade e esperança. Naquele dia, não

celebravam apenas um casamento, mas a vitória de um amor que resistira ao tempo, à distância e às incertezas da vida. Após quase vinte primaveras separados, os dois finalmente cumpriam a promessa feita na juventude, fechando o ciclo da distância e abrindo um novo capítulo marcado pela presença, pelo companheirismo e pela felicidade de estarem, enfim, juntos.

Após o casamento, Carlo e Flora seguiram para a Bahia, onde passaram a lua de mel. Encantaram-se com a beleza das paisagens, a riqueza histórica e a hospitalidade do povo baiano. Durante a viagem, conheceram igrejas centenárias, monumentos históricos e artistas locais, experiências que certamente enriqueceram ainda mais a sensibilidade artística de Carlo. Foram dias de alegria e descobertas, marcando o início de uma nova etapa de suas vidas, agora unidos não apenas pela promessa de amor, mas também pela convivência diária tão sonhada ao longo de tantos anos.

Finalmente compraram um terreno em Jacaraípe e posteriormente construíram uma casa.

Em entrevista concedida em 1986, em sua casa em Jacaraípe, no Espírito Santo, Carlo Crepaz relembrou que, poucos anos após sua chegada, o reconhecimento pelo seu trabalho foi tão imediato que mal lhe sobrava tempo para documentar ou fotografar as próprias obras.

"Não pensei que aqui teria mais trabalho do que na minha terra natal", confessou o escultor. "Mas aqui o Sol aquecia as minhas mãos, e isso me incentivava a produzir."

Ele confessava que sua preferência era interpretar artisticamente seus personagens, em vez de simplesmente reproduzi-los de maneira mecânica com base em um modelo posado diante de si.

"Esculpi muitas obras de pessoas que nunca havia conhecido. Era um trabalho, mas meio monótono, sem vida."

No entanto, a sua inspiração mais profunda para esculpir figuras de carne e osso surgiu de sua convivência com Dona Dominga, a célebre catadora de papelão que residia em Santo Antônio. (Observação: Crepaz pronunciava o nome Dona Domingas como "Dominga")

Com os olhos marejados, ele relembrou:

"Dona Dominga foi minha vizinha em Santo Antônio. Todos os dias, ela saía com um saco às costas e dizia que ia ganhar o pão. Mas, quando a olhava, via, com todo o meu respeito, uma 'obra-prima' do ser humano: humilde, educada, enfim... Sua vestimenta lhe caía como uma luva. Nela, eu já via uma escultura perfeita, acima de muitas outras que se adornam com ouro.

Convidei-a, um dia, para posar em meu *ateliê*. Entusiasmou-se de tal modo que, todas as manhãs, saco às costas e ombros curvados, vinha posar durante duas horas, como a mais obediente das modelos.

Vez ou outra, reclamava:

— Por quanto tempo vou ficar aqui parada? Tenho mais o que fazer, seu moço!

Disso resultou uma das minhas obras mais admiradas."

A fala de Crepaz revela não apenas a sensibilidade artística de Carlo Crepaz, mas também sua profunda admiração pelas figuras humildes e anônimas do povo, transformadas por suas mãos em arte permanente.

Ele não gosta de falar nos vários prêmios internacionais que conquistou:

"Deixe isto de lado, fale de minhas obras. Nunca esculpi pensando em reconhecimento. Faço meus trabalhos simplesmente para que existam no espaço e no tempo, para que as pessoas os admirem ou não. A verdadeira recompensa do artista é o processo de dar vida à matéria, o julgamento do público pertence a ele, não a mim. Quanto aos prêmios, alguns deles ficaram lá na minha terra natal, em Ortisei, guardados em uma estante que quase ninguém vê. Eu prefiro, de verdade, que as minhas esculturas fiquem ao ar livre, nas praças e nas ruas, dividindo o cotidiano e respirando junto com o povo."

O que percebemos em cerca de duas horas de conversa é que estávamos diante de um homem firme no falar, cuja presença transbordava sinceridade e um profundo sentimento de gratidão.

Vez ou outra, dona Flora, sua esposa, deixava escapar esta frase, pois falava pouco a nossa língua: "Non poteva essere ser diferente, ha preso o pai!" (Não podia ser diferente, puxou o pai!)

Para ele, a arte escultórica era poesia pura:

"Para mim, a arte da escultura sempre foi poesia pura. Quando estou diante do tanque, o processo começa de forma quase bruta: retiro dali aquela massa pegajosa e disforme e a jogo sobre a tábua. No início, não há nada além de um bloco sem vida, mas começo a modelar. Vou batendo, puxando, aplicando a massa sobre a estrutura, enxergando os volumes e as formas geométricas que se escondem ali dentro.

Horas depois, aquela matéria que antes não dizia nada vai cedendo ao toque das minhas mãos e das estecas. Ela vai deixando aparecer os primeiros traços, as curvas, a anatomia... Mas o meu trabalho nunca foi o de apenas reproduzir um modelo de forma mecânica, como se estivesse copiando uma fotografia estática. Não. Esculpir é interpretar artisticamente a alma da matéria.

É preciso girar a peça, olhar de todos os ângulos, controlar cada volume e cada textura para que ela ganhe vida própria. É um exercício de paciência e de profundo respeito pelo que está nascendo. Até que, finalmente, a

lama deixa de ser lama, a forma se completa e, diante dos meus olhos, revela-se uma pessoa."

E terminou empolgado:

"Sem sensibilidade no olhar, pouco se retrata. O artista que não sabe enxergar com o coração acaba apenas copiando formas, sem nunca alcançar a verdadeira poesia da matéria."

Quando perguntado sobre sua vida em Santo Antônio, Carlo falou com gratidão de tudo o que ali havia conquistado: os amigos sinceros, os alunos que ajudou a formar, os padres com quem conviveu e o reconhecimento alcançado por sua arte. Mas, acima de todas essas conquistas, havia algo que lhe enchia a alma de encantamento. Seus olhos brilhavam ao falar do pôr do sol que contemplava diariamente e que considerava o mais belo do mundo.

"Talvez porque, naquele espetáculo silencioso de luz e cores, encontrasse a mesma beleza que procurava eternizar em minhas esculturas. Enquanto o sol desaparecia lentamente no horizonte, tingindo o céu de

dourado e vermelho, Eu via mais do que uma paisagem: via a poesia da vida."

A impressão que nos deixou era a de que contemplava aquele pôr do sol não apenas com os olhos, mas com a alma. Com a sensibilidade de um artista e o coração de um homem profundamente agradecido à terra que o acolhera, Carlo parecia encontrar, a cada entardecer, uma renovada fonte de inspiração. Ao vê-lo falar sobre aquele espetáculo de luz e cores, era impossível não acreditar que, para ele, não existia no mundo cenário mais belo, mais poético e mais emocionante do que o pôr do sol de Santo Antônio.

Um breve retorno à sua terra natal

No final de 1974, Crepaz entrou em férias na Universidade e, junto com sua esposa, viajou para a Itália e a Suíça, levando consigo José Marques Porto. Ali permaneceram por cerca de vinte dias. Depois, passaram o Ano-Novo em Ortisei. Também conheceram a região

onde se encontram as fronteiras da Áustria, Itália, França, Alemanha e Suíça.

José Marques se recorda de que era inverno e, na passagem do Ano Novo, relembra com muita alegria os esquiadores descendo a floresta com tochas, chegando até a vila à meia-noite, quando houve os fogos da virada do ano. Ele também se recorda de Crepaz apontando para as montanhas e dizendo: "Gelo eterno... e hoje, com as mudanças climáticas, há menos geleiras". Na Suíça, estivemos na casa de Leo, irmão de Carlo Crepaz, outro grande escultor.

Addio, Brasile

Já aposentado, com quase oitenta anos, Carlo Crepaz tomou uma decisão que parecia nascer de uma longa conversa silenciosa consigo mesmo: voltar definitivamente à sua terra natal. Talvez sentisse que repousar seus últimos dias onde tudo começou fosse mais do que um gesto de retorno — seria uma espécie de reencontro com as próprias origens, como se a vida

pedisse, ao fim, o caminho de volta ao início. Para quem tanto contribuiu com a arte e com a sensibilidade dos capixabas, parecia justo que a última morada também guardasse memória, raízes e identificação.

Mas, como tantas decisões verdadeiramente humanas, não foi apenas a razão que falou mais alto. Havia também uma saudade antiga, um fio invisível que nunca se rompeu por completo, mesmo após tantos anos de trabalho, criação e dedicação longe de sua terra natal. Esse fio, silencioso e persistente, foi se fortalecendo com o tempo até se transformar em vontade.

E assim, entre lembranças, afetos e o peso suave da idade, a escolha foi sendo amadurecida. Não como uma despedida amarga, mas como um retorno sereno, quase poético, de quem compreende que toda trajetória precisa, em algum momento, reencontrar o seu ponto de origem.

Enfim… no final dos anos 1990, ele e sua esposa partiram definitivamente para Ortisei. Era uma viagem sem retorno, carregada não apenas de mudança, mas de

memórias que ficavam para trás como sombras suaves do que um dia foi vivido com intensidade.

Partia sabendo que, ali, já não teria ao lado a presença dos pais, nem aquelas vozes familiares que tantas vezes ajudaram a costurar os dias com lembranças e afeto. Ficava para trás os encontros simples, as conversas que pareciam eternas e os gestos pequenos que, com o tempo, se tornaram grandes saudades.

Ainda assim, havia algo de sereno nessa partida. Como se a vida, em seu próprio mistério, conduzisse cada um ao seu destino inevitável — levando consigo o peso das despedidas, mas também a beleza indestrutível dos bons tempos vividos juntos, que jamais deixariam de existir dentro da memória. Consigo, levou alguns de seus desenhos e uma estátua, talvez sua maior criação: Dona Domingas.

Lá viveu por mais alguns anos, ainda dedicado ao trabalho, embora já fragilizado pelo tempo e pelas limitações da idade. Mesmo assim, manteve-se fiel à sua vocação artística, como se a criação fosse também uma forma de permanecer de pé diante da própria finitude.

Aos poucos, porém, o corpo já não acompanhava o ritmo da alma, e a vida foi se recolhendo em silêncio, até que, em 7 de setembro de 1992, veio a seu desfecho.

Flora, sua esposa, permaneceu ainda por mais algum tempo, guardando consigo as lembranças de uma vida compartilhada entre caminhos, mudanças e afetos construídos ao longo dos anos. No ano de 2000, também ela partiu, encerrando um ciclo marcado por companheirismo e memória, como se o tempo, delicadamente, fosse fechando as páginas de uma história vivida a dois.

Hoje, ambos repousam sepultados no jazigo onde o próprio Crepaz fez o busto de seu pai, em Ortisei. Ali, a arte e a memória parecem se entrelaçar de forma definitiva, como se o mármore e o silêncio tivessem se unido para guardar não apenas um nome, mas toda uma história de vida, de origem e de retorno.

O lugar carrega uma espécie de presença serena, em que o tempo parece diminuir o passo. Não é apenas um espaço de sepultamento, mas também um ponto de encontro entre gerações, entre o que foi vivido e o que

permanece na lembrança. O busto, esculpido pelas mãos do próprio artista, transforma-se em símbolo de continuidade — uma homenagem que atravessa a vida e alcança a eternidade.

Ali, em Ortisei, repousam agora as memórias de uma trajetória inteira, como se o ciclo se fechasse com delicadeza: o filho que criou formas para dar vida à arte, e que, no fim, devolveu à terra o mesmo gesto de permanência que dedicou ao mundo.



Estátua de Dona Domingas que Carlo Crepaz levou para Ortisei – Acervo da família.



Cemitério de Santa Ana (St. Anna), em Ortisei, onde estão sepultados o pai de Carlo Crepaz, o próprio Carlo Crepaz e sua esposa, Flora.

Carlo Crepaz: Arte e Escultura em Vitória

Professora Ernestina Pessoa

OBRA - Grupo escultório em bronze sobre pedestal de granito.
INAUGURAÇÃO| 1951
AUTOR | Carlo Crepaz
LOCALIZAÇÃO | Parque Moscoso/Vitória/ES

Afonso Cláudio De Freitas Rosa

OBRA | Busto de bronze sobre pedestal de granito
INAUGURAÇÃO | 1961
AUTOR | Carlo Crepaz
LOCALIZAÇÃO | Praça Costa Pereira | Centro

Euryclides De Jesus Zerbini

OBRA | Busto de bronze sobre pedestal de mármore

DATA DE INAUGURAÇÃO | 06 de Novembro de 1976

AUTOR | Carlo Crepaz

LOCALIZAÇÃO | Praça Ubaldo Ramalhete **|** Centro

Dona Domingas

OBRA | Estátua de bronze sobre cimento

INAUGURAÇÃO| 1973

AUTOR | Carlo Crepaz

LOCALIZAÇÃO | Avenida Jeronimo Monteiro **|** Centro.

Antenor Guimarães

OBRA | Busto de bronze sobre pedestal de granito

DATA DE INAUGURAÇÃO | 30 de Janeiro de 1955

AUTOR | Carlo Crepaz

LOCALIZAÇÃO | Praça Francisco Teixeira da Cruz| Centro

Alberto Santos Dumont

OBRA | Busto de bronze sobre pedestal de cimento e granito

DATA DE INAUGURAÇÃO | 20 de Julho de 1973

AUTOR | Carlo Crepaz

LOCALIZAÇÃO | Parque Moscoso

Pedro Feu Rosa

OBRA | Busto de bronze

DATA DE INAUGURAÇÃO | 01 de Maio de 1982

AUTOR | Carlo Crepaz

LOCALIZAÇÃO | Parque Moscoso

Araribóia

OBRA | Estátua de bronze
INAUGURAÇÃO |Década de 1960
AUTOR |Carlo Crepaz
LOCALIZAÇÃO | Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes | Forte São João

Jair Andrade

OBRA | Busto de bronze
DATA DE INAUGURAÇÃO |18 de Outubro de 1968
AUTOR |Carlo Crepaz
LOCALIZAÇÃO | Praça Asdrúbal Soares | Jucutuquara

São Marcos

A imagem do padroeiro São Marcos, em tamanho natural, esculpidas em madeira pelo

escultor italiano Carlos Crepaz, está presente desde 1963 na Igreja Matriz em Vitória/ES.

Nossa Senhora da Vitória

A imagem de Nossa Senhora da Vitória, de madeira pintada e policromada, medindo 2,10m, exposta acima do altar mor da Catedral Metropolitana, foi esculpida em 1964 pelo artista italiano Carlo Crepaz (à época, Diretor da Escola de Escultura das Obras Pavonianas). A coroa móvel foi feita pelo aluno da Escola, Bruno Plozner. Também a imagem em cimento que se encontra na fachada da Catedral foi feita nas Obras Pavonianas. Outro destaque é a palma trazida na mão esquerda de Nossa Senhora, símbolo da vitória, do triunfo, da paz e da vida eterna. Foi adotada na iconografia cristã para representar a vitória dos mártires sobre a morte. Cristo é, frequentemente, mostrado carregando o ramo da palma como um símbolo de Seu triunfo sobre o pecado e a morte.

Nossa Senhora da Pietá

A escultura de Nossa Senhora da Pietá (ou Piedade) foi entalhada em madeira maciça do tipo "peroba", feita pelo escultor italiano Carlo Crepaz, no ano de 1961 e trazida ao Convento no mesmo período. Colocada sobre uma estrutura de madeira, envolta por uma redoma de vidro, a Imagem possui também partes da composição em pequenos blocos de cedro, especialmente a retratação da "coroa de espinhos" de Jesus.

Possuindo 2,10m de largura e 1,30m de altura, a obra traz ainda alguns pontos de "um tratamento pictórico em imitação de bronze" e que em 1997, passou também por outra intervenção que foi uma camada de esmalte sintético branco. Anos mais tarde, foi realizada a última restauração, que trouxe de volta a cor original, o marrom. Este último processo, foi de responsabilidade de Vera Lúcia Lube, pelo IPHAN. Além da retomada da cor original, a Imagem teve suas rachaduras e trincas

eliminadas, possibilitando inclusive, perceber o tipo de formão (ferramenta utilizada na entalhação) que o artista usou.

A riqueza de detalhes é um dos maiores destaques da obra do escultor italiano, que com seu porte e perfeição, lembra a obra de Michelangelo. Crepaz fazia questão de sempre retratar o mais próximo do real, por isso imprimia em cada ponto, um olhar muito real. Aos pés da Imagem, ficam dois genuflexórios, onde os fiéis e devotos podem rezar diante da representação, apresentar intenções e se desejarem colaborar com a vida e missão do Santuário, ofertando qualquer valor.

Nossa Senhora da Penha - "Santa Peregrina"

Três imagens de Nossa Senhora da Penha existem atualmente, para atender a seus milhares de devotos: uma, a que sai nas procissões, é chamada a "Santa Peregrina", fica na Sala dos Milagres, foi esculpida em 1958 por Carlos Crepaz.

Frei Pedro Palácios

Frei Pedro Palácios, faz parte do acervo permanente da Sala de Exposições do Convento, também é de autoria de Crepaz.
N.S. da Vitória pintada e policromada

Abaixo um resumo das obras de Crepaz que conseguimos resgatar em pesquisa de campo. Não está completa mas foi o que conseguimos com muito trabalho e dedicação.

- Catedral Metropolitana (Vitória - ES) — madeira — 2,10m
- N.S. da Vitória (Catedral Metropolitana - ES) — cimento — 3,00m
- Domingos Martins (Palácio da Assembleia - ES) — bronze — 1,80m
- Dona Dominga (Vitória - ES) — bronze — 1,60m
- Dona Dominga (Jacaraípe - Serra - ES) — madeira — 2,60m

- Dona Dominga (Museu do Rio de Janeiro - GB) — madeira — 2,60m
- Dona Dominga (Vitória - ES) — gesso — 1,60m
- Papa Pio XII (Vitória - ES) — cimento — 3,00m
- Papa Pio XII (Museu do Rio de Janeiro - GB) — cimento — 2,50m
- Papa João XXIII (Linhares - ES) — cimento — 3,00m
- São Gabriel (São Gabriel da Palha - ES) — madeira — 1,70m
- Monumento do Imigrante, 3 figuras, no Museu do - Cabrão (São Paulo - SP) — madeira — 3,00m
- Painel (Curitiba - PR) — madeira — 1,50m
- N.S. de Fátima (Bananal - ES) — cimento — 3,00m
- N.S. de Fátima (Bananal - ES) — madeira — 3,20m
- 2 Escudos (S. Mateu - ES) — cimento — 1,50m
- N.S. da Fátima (São Mateus - ES) — cimento — 1,80m
- Painel (São Mateus - ES) — bronze — 0,80m
- Painel UFES — Brasão da Universidade (Campus)
- N.S. da Saúde (Ibirapuã - ES) — madeira — 1,70m
- São José (Alegre - ES) — madeira — 1,20m
- Mercúrio (Vitória - ES) — bronze — 1,20m

- Baco (Vitória - ES) — bronze — 0,60m
- N.S. da Penha (Vitória - ES) — madeira — 0,60m
- Dom Bosco (Vitória - ES) — madeira — 1,00m
- Busto Rosália (Vitória - ES) — gesso — 0,45m
- Busto Bruno (Vitória - ES) — gesso — 0,60m

A sua lista permite fazer uma leitura bem rica da produção de Carlo Crepaz como escultor, sobretudo porque revela escala, materiais, temas e circulação geográfica da obra. Segue uma análise organizada:

1. Predominância temática: religiosidade e tradição católica

Um primeiro ponto evidente é a forte presença de temas religiosos:

- Nossa Senhora da Vitória
- N.S. da Penha
- N.S. de Fátima (várias versões)
- N.S. da Saúde
- São José
- São Gabriel

- Papa Pio XII
- Papa João XXIII
- Dom Bosco

Isso indica que Crepaz foi um escultor profundamente ligado à arte sacra, especialmente para igrejas, santuários e espaços devocionais. Sua produção dialoga com a tradição europeia de escultura religiosa monumental.

Aqui se percebe uma função clara: não é apenas arte decorativa, mas arte de culto e presença espiritual no espaço público e religioso.

2. Arte pública e identidade urbana

Outro grupo importante são obras em espaços institucionais e urbanos:

- Domingos Martins (Assembleia Legislativa)
- Mercúrio (Vitória)
- Baco (Vitória)
- Painel UFES (Brasão da Universidade)
- Monumento do Imigrante (SP)

- Painéis em Curitiba e São Mateus
- Bustos e retratos (Rosália, Bruno)

Isso mostra que Crepaz também atuou fortemente na construção da memória pública e institucional, criando símbolos de identidade coletiva (imigrantes, universidade, figuras históricas).

- **3. Repetição de "Dona Dominga" — um caso importante**

A obra "Dona Dominga" aparece em múltiplas versões:

- madeira (2,60m)
- bronze (1,60m)
- gesso (1,60m)
- localizações diferentes (Vitória, Jacaraípe, Rio de Janeiro)

Isso é extremamente significativo:

- mostra um processo de reinterpretação contínua do mesmo tema.
- indica que a obra pode ter sido matriz escultórica reproduzida em diferentes materiais.

- sugere uma figura central no imaginário do artista. Em termos de história da arte, isso aponta para uma prática de variação de modelo (*ateliê* europeu clássico).
- **4. Variedade de materiais: domínio técnico amplo**

Os materiais usados revelam grande versatilidade:

- madeira (muito presente)
- bronze (mais nobre e durável)
- cimento (monumental urbano)
- gesso (estudos e modelos)

Interpretação:

- **Madeira** → intimidade, tradição sacra, obras mais orgânicas
- **Bronze** → prestígio, permanência, encomendas institucionais
- **Cimento** → monumentalidade pública e urbana
- **Gesso** → etapa de estudo e modelagem

Isso mostra um artista com formação clássica sólida e domínio de *ateliê* completo, do estudo à obra final monumental.

- **5. Escala e monumentalidade**

  As obras variam bastante:

- pequenas (0,45m a 1,20m) → bustos e estudos
- médias (1,50m a 2,10m) → esculturas devocionais
- grandes (2,50m a 3,20m) → monumentos religiosos e públicos

Conclusão:

Crepaz não era um escultor "de gabinete", mas um artista de escala arquitetônica e urbana, capaz de atuar tanto em detalhes quanto em monumentos.

- **6. Síntese interpretativa**

  A obra de Carlo Crepaz pode ser lida como:

- um escultor de formação clássica europeia
- profundamente ligado à arte sacra e monumental pública
- com forte papel na formação da identidade visual do Espírito Santo
- atuando como ponte entre:
  - tradição religiosa
  - modernização urbana
  - memória coletiva

O conjunto revela um artista de grande coerência estética e institucional, que trabalhou a escultura como: linguagem de fé, memória e cidade.

Carlo Crepaz por quem o conheceu

Christina Nalin Lemos (Ex-aluna) — Carlo Crepaz era um professor maravilhoso. Por quê? Porque era extremamente exigente e estava presente em todos os momentos em que precisávamos de seus conselhos e ensinamentos. Nós, alunas jovens do curso de Belas Artes da faculdade, muitas vezes não compreendíamos o rigor que ele imprimia às suas aulas. Na época, não entendíamos que sua exigência tinha um único objetivo: fazer com que aprendêssemos o melhor possível e alcançássemos o máximo de nosso potencial artístico.

José Carlos Vilar (Escultor) – Grande Crepaz! Devo muito a esse grande artista. Grande parte do que aprendi sobre a escultura em madeira teve origem em seus

ensinamentos, em sua orientação e no exemplo de dedicação que transmitia aos alunos. Carlo Crepaz possuía um conhecimento extraordinário da arte de esculpir e uma sensibilidade rara para transformar a matéria bruta em expressão artística. Sua influência foi fundamental na minha formação e permanece viva em minha trajetória como escultor. Mais do que um mestre da técnica, foi um mestre da arte e da vida, deixando um legado que continua inspirando gerações de artistas.

Sindicato dos Artistas Plásticos - Mais do que escultor, Carlo Crepaz foi mestre, formador de artistas e um dos principais responsáveis pela consolidação da escultura no Espírito Santo. Com sólida formação artística europeia e extraordinário domínio técnico, dedicou sua vida não apenas à criação de obras de grande valor estético, mas também à transmissão do conhecimento às novas gerações. Como professor da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Espírito Santo, influenciou diretamente inúmeros artistas, escultores e professores que mais tarde dariam continuidade ao desenvolvimento

das artes visuais capixabas. Seu *ateliê* e suas salas de aula tornaram-se espaços de aprendizado, onde a disciplina, a observação e o respeito pela arte eram ensinados com a mesma paixão com que modelava suas esculturas. Seu legado permanece vivo em algumas das mais importantes obras da arte pública e religiosa do Estado. Esculturas como Dona Domingas, símbolo da memória popular capixaba; o monumental Índio Araribóia, marco da paisagem urbana de Vitória; e a emocionante Pietà do Convento da Penha revelam sua capacidade de unir técnica refinada, sensibilidade humana e profundo sentimento espiritual. A essas somam-se dezenas de bustos, monumentos, imagens sacras, painéis e esculturas espalhados por praças, igrejas, instituições e espaços públicos. Ao percorrer o Espírito Santo, é possível encontrar a presença silenciosa de Carlo Crepaz em diferentes cidades, testemunhando a dimensão de sua obra e a importância de sua contribuição para a cultura capixaba. Seu trabalho ultrapassou o tempo e transformou-se em patrimônio artístico, histórico e afetivo de gerações. Mais do que deixar esculturas, Carlo Crepaz

ajudou a moldar a identidade cultural do Espírito Santo, tornando-se uma das figuras mais importantes da história das artes no Estado.

Jânio Leonardelli (escultor capixaba) - Mesmo não tendo sido seu aluno, reconheço que Carlo Crepaz era uma referência consolidada para os escultores locais. Seu nome já era respeitado e admirado muito antes de eu iniciar minha trajetória artística. Sua obra estava presente em igrejas, praças, instituições e espaços públicos, tornando-se parte da paisagem cultural do Espírito Santo e da formação visual de gerações de capixabas. Crepaz possuía uma capacidade singular de transformar materiais como madeira, bronze, cimento e gesso em obras de grande força expressiva. Seu domínio técnico, aliado à sólida formação artística, fez dele um dos mais importantes escultores que atuaram no Estado. Além da qualidade de suas esculturas, impressionava a dimensão de seu legado como professor e formador de artistas, influenciando diretamente aqueles que tiveram a oportunidade de aprender com ele. Mesmo para quem

não conviveu em sala de aula com o mestre, sua presença era percebida por meio de suas obras e da admiração demonstrada por alunos, colegas e admiradores. Carlo Crepaz tornou-se uma referência incontornável na história da escultura capixaba, deixando um legado artístico que continua inspirando escultores e amantes da arte até os dias atuais.

Alda Rosa de Oliveira (restauradora da UFES) - Ao restaurar uma obra de Carlo Crepaz, vivi uma experiência marcada por sentimentos de apreensão e satisfação constantes. A apreensão surgia da enorme responsabilidade de intervir em uma criação pertencente a um dos mais importantes escultores da história do Espírito Santo. Cada detalhe exigia estudo cuidadoso, respeito aos materiais originais e atenção absoluta para preservar a integridade artística concebida pelo autor. Ao mesmo tempo, havia uma profunda satisfação em acompanhar o processo de recuperação da obra. À medida que a escultura revelava novamente suas formas, texturas e expressividade, tornava-se possível compreender ainda

mais a sensibilidade e o talento de Carlo Crepaz. Seu conhecimento técnico, aliado à capacidade de transmitir emoção por meio da matéria esculpida, ficava evidente em cada superfície restaurada. Trabalhar em uma obra de Crepaz significou, acima de tudo, estabelecer um diálogo silencioso com um artista que deixou marcas profundas na cultura capixaba. A restauração não representava apenas a recuperação física de uma peça, mas também a preservação de um importante testemunho da memória artística e histórica do Estado. Ao final do trabalho, permanecia a sensação de ter contribuído para que futuras gerações possam conhecer e apreciar a riqueza de um legado que continua vivo através de suas esculturas.

Pesquisadores do Laboratório LEENA/UFES - Carlo Crepaz pode ser considerado o responsável pela criação de uma verdadeira escola de escultura em Vitória. Mais do que produzir obras de grande qualidade artística, ele construiu um ambiente de aprendizado, pesquisa e aperfeiçoamento técnico que contribuiu decisivamente para o desenvolvimento das artes plásticas no Espírito

Santo. Sua atuação como professor e orientador permitiu que muitos jovens artistas tivessem acesso a conhecimentos que até então eram raros na formação local. Com sólida experiência e profundo domínio da modelagem, da anatomia artística e das técnicas escultóricas, Crepaz transmitia aos seus alunos não apenas procedimentos técnicos, mas também uma compreensão mais ampla da arte como expressão cultural e humana. O impacto de seu trabalho ultrapassou os limites da sala de aula. Muitos dos artistas que passaram por sua orientação tornaram-se profissionais reconhecidos, professores e multiplicadores de conhecimento, ampliando a influência de seu ensino por várias décadas. Dessa forma, sua contribuição não se restringiu às esculturas que produziu, mas também às gerações de criadores que ajudou a formar. Graças à sua dedicação e ao seu compromisso com a arte, consolidou-se em Vitória uma tradição escultórica que passou a integrar de forma permanente a vida cultural capixaba. Seu legado permanece visível não apenas nos monumentos, imagens sacras e obras públicas espalhadas

pelo Estado, mas também na continuidade de uma linhagem artística que encontra em Carlo Crepaz um de seus principais fundadores.

Almerinda da Silva Lopes (professora da UFES) – Carlo Crepaz desempenhou papel fundamental no desenvolvimento das artes visuais no Espírito Santo. Dotado de extraordinária habilidade artística e profundo conhecimento das técnicas acadêmicas, construiu uma trajetória marcada pela criação de obras que enriqueceram o patrimônio cultural capixaba. Sua atuação alcançou diferentes áreas da produção artística, deixando marcas duradouras tanto nos espaços públicos quanto nas instituições culturais e religiosas do Estado. Ao longo de décadas de trabalho, tornou-se uma das figuras mais respeitadas do cenário artístico capixaba, sendo reconhecido pela qualidade de sua obra, pelo rigor de sua execução e pela influência exercida sobre a vida cultural da região.

Marlene Ramalho Furtado (**Assessora de Imprensa da PMV – 1998)** - Uma curiosidade que revela muito da sensibilidade de Carlo Crepaz era sua relação afetuosa com os animais que circulavam pelos arredores de seu *ateliê*. Entre eles, havia algumas cabras que frequentemente apareciam para receber frutas oferecidas por ele. Esses encontros simples pareciam despertar lembranças especiais de sua terra natal. Crepaz costumava observar aqueles animais com admiração, encantado pela naturalidade com que se moviam e pela sensação de independência que transmitiam. Em suas conversas, fazia associações com as paisagens montanhosas de sua juventude, encontrando naqueles visitantes inesperados uma ligação afetiva com memórias distantes e com o ambiente que ajudou a moldar sua visão de mundo.

Angelo Sérgio Ghil – (morador de Vila Velha) Esse era um verdadeiro mestre da arte. Tive o privilégio de conhecê-lo em seu *ateliê* nas Obras Pavonianas, em Santo Antônio, durante a década de 1960. Para quem teve a

oportunidade de vê-lo trabalhando, era impossível não se impressionar com sua dedicação, habilidade e sensibilidade artística. O ambiente do *ateliê* refletia sua paixão pela criação, onde cada obra surgia a partir de um cuidadoso processo de observação, estudo e trabalho manual. A lembrança daqueles momentos permanece viva na memória como o encontro com um artista excepcional, cuja presença e talento marcaram profundamente todos os que tiveram a felicidade de conhecê-lo.

Maria Cecilia Jahel Nascif Foi meu professor. Um verdadeiro espetáculo como artista e como ser humano. Tive a oportunidade de acompanhar seu trabalho e admirar de perto seu talento, sua dedicação e o profundo respeito que demonstrava pela arte. Suas aulas eram marcadas pela seriedade, pelo conhecimento técnico e pela capacidade de inspirar os alunos a desenvolverem seu próprio olhar artístico. Entre as inúmeras obras que deixou no Espírito Santo, destaca-se a magnífica Pietà, esculpida em madeira maciça e localizada na entrada do Santuário de Nossa Senhora da Penha. A obra

impressiona não apenas pelas dimensões e pela qualidade técnica, mas também pela intensidade emocional que transmite. É uma criação que revela a sensibilidade de Carlo Crepaz e sua extraordinária capacidade de transformar a madeira em uma expressão de fé, beleza e humanidade. Seu legado permanece vivo em cada uma de suas esculturas, testemunhando o talento de um mestre que marcou profundamente a história da arte capixaba.

Vera Muniz Gozzi - Meu professor na faculdade de Belas Artes. Notável!

Iandecy Zannol - Foi meu professor quando fiz a Faculdade de Belas Artes. Gostava muito dele, pessoa calma, de alma serena e mansa.

Maria Da Glória Dutra Lopes - Fui aluna dele. Era uma pessoa simples, paciente com os alunos e de muito talento.

Maria Lúcia Santana - Convivia diariamente com ele quando estudava na Escola Ludovico Pavoni, na época em que a instituição era administrada pelos Padres Pavonianos, e onde ele realizava suas esculturas. Nós, que ali estudávamos, tivemos o privilégio de vê-lo trabalhando e criando. Conheci bem ele e sua querida esposa Flora, que moravam muito próximos do Santuário Basílica de Santo Antônio. Eles eram muito amigos da minha saudosa "mãe do coração", Hilda Marques Porto, mãe de José Marques Porto.

Sebastião Henrique Varejão Rabello - Conheci Carlo Crepaz, um mestre em escultura e pintura que viveu muitos anos em Santo Antônio.

Nona Rostagno - foi meu querido mestre da escultura, uma presença marcante na minha formação e na minha memória afetiva. Seu jeito sereno de ensinar, sua paciência diante dos erros e sua forma cuidadosa de observar cada detalhe faziam dele não apenas um professor, mas um verdadeiro guia no universo das

formas, das proporções e da sensibilidade artística. Com ele, a escultura deixava de ser apenas técnica e passava a ser também escuta, silêncio e observação do mundo. Cada bloco de material se transformava, em suas mãos e sob sua orientação, em aprendizado vivo, em descoberta paciente do gesto e da criação. Guardo dele não apenas os ensinamentos, mas também a lembrança de uma convivência respeitosa e inspiradora, que marcou profundamente meu olhar sobre a arte e sobre a própria vida.

Arnaldo Francisco - Em 1967, conheci o escultor Carlo Crepaz em seu *ateliê* nas Obras Pavonianas, em Santo Antônio, no Espírito Santo. Ainda adolescente, com cerca de 15 anos, eu vivia um período de intensa formação: estudava pela manhã no ginásio e, à tarde, frequentava as aulas de marcenaria, onde começava a aprender o valor do trabalho manual e da criação com as próprias mãos. Foi nesse ambiente que tive o privilégio de presenciar de perto o trabalho de Crepaz. Lembro-me com nitidez da escultura de Dona Domingas, ainda em

madeira, que impressionava pela força expressiva e pela delicadeza dos detalhes. Havia algo de vivo naquela obra, como se a madeira respirasse sob o gesto do escultor. Guardo também na memória um grande Crucifixo por ele esculpido, de proporções tão marcantes que precisou ser transportado em um caminhão. Era uma peça que impressionava não apenas pelo tamanho, mas pela profundidade espiritual e pela intensidade do trabalho artístico. A convivência com aquele espaço e a observação do processo criativo de Carlo Crepaz marcaram profundamente minha juventude. Não era apenas ver uma obra sendo feita, mas testemunhar o nascimento da arte diante dos olhos, em um tempo em que o ofício, a disciplina e a sensibilidade se encontravam em cada golpe de ferramenta na madeira.

Maria Antonieta Rosa Mathias - Morei próximo ao bairro de Santo Antônio e, desde muito cedo, tive forte ligação com a igreja matriz da região. Foi ali que fiz minha primeira comunhão e, anos mais tarde, também vivi um dos momentos mais importantes da minha vida: o meu

casamento, celebrado na mesma igreja que marcou minha infância e juventude. Nesse contexto de fé, convivência e comunidade, tive a honra de conhecer Carlo Crepaz e sua esposa Flora, pessoas de grande simplicidade e presença serena. Para minha alegria e emoção, eles foram meus padrinhos de casamento, gesto que guardo com profunda gratidão e carinho até hoje. Carlo Crepaz foi um grande escultor, um artista de talento singular, cuja presença fazia parte da vida cotidiana de Santo Antônio. Entre suas obras mais conhecidas está a escultura de Dona Domingas, figura que marcava a paisagem local e que muitas vezes víamos em seu dia a dia, carregando seus pertences em um saco, imagem que se tornou parte da memória afetiva da comunidade. Sua arte e sua convivência deixaram uma marca profunda não apenas na história do bairro, mas também na vida de todos que tiveram o privilégio de conhecê-lo de perto.

Notas

[1] Calendário de Gherdëina 1978, p. 55. União dos Ladinos de Gherdëina, São Ulrico em Val Gardena, 1978.

[2] Observação Linguística

Convém notar que, por ser o ladino uma língua reto-românica diretamente derivada do latim vulgar (a variante falada e cotidiana do Império Romano), muitas das palavras, expressões e topônimos presentes nos registros originais desta biografia mantêm forte herança dessa raiz. Como esse idioma se desenvolveu de forma isolada nos vales alpinos e preservou traços arcaicos, muitas de suas palavras podem ser grafadas, compreendidas e mapeadas diretamente através do latim vulgar, explicando grafias e estruturas gramaticais que diferem do italiano ou do português padrão.

[3] Da Maidl. Artista Ladino", publicado pelo próprio Leo Crepaz em Lugano (1986). Ele serve como o inventário oficial de suas principais criações ao longo de cinco décadas de atividade.

[4] DIOCESE DE BOLZANO-BRESSANONE — PARÓQUIA EPIFANIA DO SENHOR / APARIÇÃO DO SENHOR — Via Stufan, 1 — Comuna: Ortisei / São Ulrico — CEP 39046 — Província BZ — CERTIDÃO DE BATISMO — Do Registro de Batismos (Volume VII, página 149, número 68), consta que: CREPAZ CARL THEODOR, nascido em Ortisei / São Ulrico em 27.09.1911, foi batizado nesta paróquia em 28.09.1911. ANOTAÇÕES: 1. Crismado em 15.11.1922. 2. Casamento celebrado em ———. 3. Outras anotações: Falecido em Ortisei em 07.09.1992 — Falecido em 07.09.1992. Data: 26.05.2026. O Pároco: Dr. Luigi Pitscheider.

[5] Wikimedia Commons
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ludwig_Moroder_Carlo_Crepaz.jpeg?utm_source=chatgpt.com&uselang=pt-br